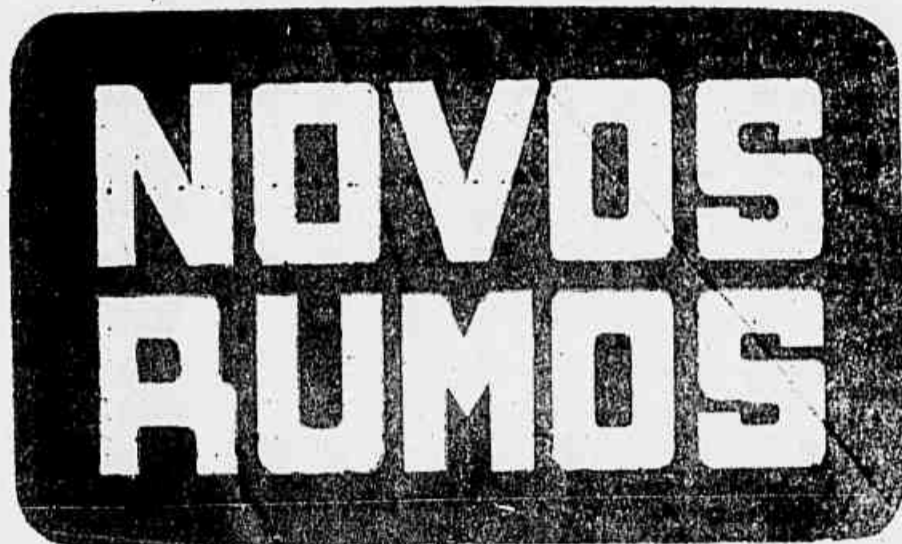


1-CONTRA A INTROMISSÃO AMERICANA 2-PELA INTERVENÇÃO NOS FRIGORÍFICOS

ANO I — RIO, SEMANA DE 16 A 22 DE OUTUBRO DE 1959 — N.º 34



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

Foi noticiado nos jornais e confirmado esta-oficialmente por elementos do governo que o Departamento de Estado norte-americano voltou a pressionar as autoridades do país, tentando evitar a intervenção efetiva nos frigoríficos estrangeiros. Diante da disposição do presidente da COFAP, general Ururay Magalhães, em continuar as medidas que levarão ao controle completo pelo estado do mercado da carne, o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Valter Moreira Sales, foi conchitado pelo Departamento de Estado a advertir o governo brasileiro da «mã repercussão» que a medida teria nos círculos norte-americanos. Ao que se informa, a advertência foi transmitida pelo embaixador Moreira Sales ao ministro do exterior, Horácio Lafer, que, depois de comunicar o fato ao presidente da República, procurou demover o general Ururay de seu propósito de intervir nos frigoríficos.

Por sua vez, os sócios e «amigos» dos monopólios da carne trataram de aproveitar as vacilações do governo do sr. Kubitschek para forçar a capitulação da COFAP e impor a «solução» de costume: aumentar os preços. Em sua obra impatriótica e antipopular os mosqueteiros do sr. Valentim Bouças foram auxiliados pelas associações comerciais, pela Federação e Centro das Indústrias de São Paulo e, como não podia deixar de ser, latifundiários da Confederação Rural Brasileira. Estes últimos, face à perspectiva de perderem o «direito» de explorar os pequenos pecuaristas e o povo brasileiro, perdem as estribeiras e chegam a ameaçar abertamente de esconder o gado e, inclusive, chacinar os bois para não perder o monopólio e com ele, a possibilidade de impor preços.

Diante desta flagrante e inaceitável ingerência estrangeira em nossos assuntos, e dos objetivos reacionários e antipopulares dos monopólios e seus protetores, o movimento nacionalista brasileiro não poderia permanecer apático. No Congresso, vários deputados, entre eles os srs. Neiva Moreira, Gabriel Passos, Bocaíuva Cunha, Mário Tamborindenguy e Osvaldo Lima Filho, denunciaram veementemente a intromissão norte-americana e apontaram a necessidade de medidas mais drásticas e efetivas para acabar com a exploração dos barões da carne.

Os operários, por intermédio dos presidentes das confederações nacionais dos trabalhadores da indústria, do comércio, dos transportes terrestres e dos estabelecimentos de crédito, das federações nacionais dos marítimos, ferroviários, jornalistas, aeroviários e dezenas de outros representantes das várias categorias e dos sindicatos do Distrito Federal, resolveram dar inteiro apoio à decisão de intervir efetivamente nos frigoríficos e invernadas. Neste sentido, foi eleita uma comissão para levar ao general Ururay a posição da classe.

Os estudantes, por iniciativa da União Nacional dos Estudantes já apoiada por várias entidades de se-

(Conclui na 2.ª pag.)

DIREITO DE GREVE

As organizações sindicais brasileiras estão defendendo os interesses vitais dos trabalhadores quando se empenham na luta pela aprovação do projeto de lei de greve originário da Câmara Federal, contra o substitutivo fascista do senador Jefferson Aguiar. Este substitutivo é uma provocação infame contra o movimento operário brasileiro. É uma edição traduzida e piorada da célebre lei macartista Taft-Hartley, aprovada nos Estados Unidos durante a «guerra fria» e que acaba de ser aplicada contra os metalúrgicos americanos em greve.

Segundo o projeto Jefferson, não é aos trabalhadores, nem aos seus sindicatos, que cumpre decidir sobre a greve. Cabe ao Ministério do Trabalho, ao Conselho de Segurança Nacional e à Justiça do Trabalho resolver quem poderá fazer greve, onde se poderá fazer greve, quando se poderá fazer greve, como se poderá fazer greve, e até mesmo se se poderá fazer greve... Segundo a concepção desse senador retrógrado e tacanho, os operários brasileiros seriam convertidos num rebanho de inconscientes, tangidos por autoridades estranhas em seus interesses e que, como a vida tem provado, quase sempre se colocam a serviço dos exploradores.

O projeto do senador Jefferson é fruto de uma manobra articulada na sombra pelos bonzos reacionários do PSD e do governo, mancomunados com agentes do imperialismo norte-americano como o coronel Humberto (FBI) de Melo. Querem uma lei anti-greva para algemar a classe operária, que é a lutadora mais firme pela soberania nacional e pela legalidade democrática. Isto permitiria, segundo pensam, avançar no caminho das concessões aos monopólios estrangeiros e restringir as liberdades públicas.

O plano que inspira esse projeto deve ser denunciado à nação como um plano terrorista e antinacional. Os operários brasileiros, conscientes e organizados, não renunciarão à greve, seja qual for a lei em vigor. Já está moribundo o decreto fascista 9.070 reduzido a um pedaço de papel sujo, pisoteado pela massa operária em greve. Com o projeto de Jefferson, o que os reacionários querem é uma base legal para atacar o movimento operário. Uma lei para justificar a repressão às greves que ninguém poderá evitar. Uma lei para transformar o Brasil na Argentina conflagrada de Frondizi. Seu objetivo evidente é interromper o processo democrático em desenvolvimento no país para servir aos esquemas antinacionais do Departamento de Estado norte-americano.

Ainda há tempo para que o Senado entere a «camisa de força» antioperária e aprove o projeto oriundo da Câmara dos Deputados. Para isso é necessário, no entanto, que os trabalhadores se ergam num poderoso movimento capaz de assegurar, sem restrições, a vigência do direito constitucional de greve.

A Igreja e a Classe Operária

(Artigo de ROGER GAUDY, na 9.ª página, sobre a decisão do Vaticano de proibir o movimento dos padres-operários)



POSIÇÃO PATRIÓTICA DO GENERAL URURAY

A frente da COFAP, o general Ururay tem se mantido firme ao defender a necessidade de intervenção nos frigoríficos para assegurar o abastecimento de carne aos grandes centros. Assim agindo, ele procura resguardar nosso país da exploração das empresas estrangeiras.

Comitês Estudantis Pró-Lott Serão Criados em Todo o País (Noticiário na 3.ª página)

ROMBO NO MONOPÓLIO DO PETRÓLEO (6.ª PÁGINA)



DISCURSO DE PRESTES NA CHINA

Prestes assistiu em Pequim às festas da Revolução Chinesa. Juntamente com líderes comunistas de outros países da América Latina, palestrou com Mao Tse-Tung. O líder comunista brasileiro visitou em seguida algumas regiões do país. Aqui vemo-lo nas solenidades de 1.º de outubro na Capital chinesa. O terceiro à direita é o dirigente comunista siciliano Li Causi, que chefiou a delegação do Partido Comunista Italiano. Na 3.ª página damos o texto do discurso pronunciado por Prestes na solenidade comemorativa da fundação da China Popular.

CONFEDERAÇÕES SINDICAIS DECIDIRAM:

Direito De Greve Sem Restrições

(Leia, na 2.ª página, as resoluções tomadas pelas mais importantes entidades sindicais do país)

O Escritor Guilherme Figueiredo Sobre o Aniversário Da China Popular

O escritor e teatrólogo Guilherme Figueiredo foi um dos intelectuais brasileiros convidados a assistir aos festejos da fundação da República Popular da China. De Pequim, Guilherme Figueiredo escreveu para o «Diário da Noite» (Diários Associados) suas impressões do que viu na capital chinesa. Dado o interesse existente em nosso país por tudo quanto se relaciona com a Nova China, reproduzimos, «data vénia» a magnífica reportagem de Guilherme Figueiredo.

PEQUIM, 1 de outubro — Via Aeroflot. Aerolíneas Tcheco-eslovacas e Panair do Brasil — Esta reportagem precisa ser iniciada com a declaração de que o seu autor não é comunista e que veio a Pequim a convite do governo da República Popular da China como jornalista dos «Diários Associados» e como autor teatral que possui uma peça representada no Teatro Popular de Arte da capital chinesa. Tal declaração é necessária porque o que aquilo que presenciou e está presenciando o seu autor excede todas as expectativas e porque, embora se atenha à pura objetividade, esta pode parecer excessivo entusiasmo, à vista do que vem observando. Entretanto, o que vai descrever aqui é uma pádua imagem do que 5.000 convidados, de 72 nações, estão observando.

Estou escrevendo quase à meia-noite, depois de quatro horas de desfile e duas horas de fogos de artifício que se prolongam noite adentro, com danças populares que reúnem um milhão de pessoas numa das maiores praças do mundo. Até o ano passado, essa praça não existia ainda; hoje, de um de seus lados, paralela ao antigo palácio imperial transformado em Parque de Cultura Proletária, corre a avenida da Paz Permanente, extensa de vários quilômetros e com cem metros de largura. A praça se estende diante do pagode imperial, onde ficam os convidados especiais de solenidades como a de hoje. Dos lados, à direita e à esquerda, estão o Edifício do Parlamento e o do Museu Histórico da República, cada um deles com mais de duzentos metros de fachada. São enormes monumentos, que cercam os 250.000 metros quadrados da praça, a cujo fundo se vêem ainda os pagodes da Velha China, que a República conserva com carinho. Ao centro, há o Monumento aos Heróis da Pátria, com uma legenda de Mao-Tse-Tung, poeta, teórico e homem de ação do Partido Comunista Chinês.

UM BANQUETE DE CINCO MIL TALHERES

Na tarde de ontem, jovens de ambos os sexos foram ao aeroporto de Pequim esperar os últimos convidados, chegados de todas as partes do mundo, para as comemorações. Eram jornalistas, líderes revolucionários, repórteres, que vinham no mesmo avião TU-104 que trouxe de Moscou o chefe do Partido Trabalhista Inglês Gaittskell, numa viagem de 11 horas e apenas dois pousos, em Omsk e Irkutsk. Traziam flores, cada um deles falava a língua do país cujo recém-chegado tinham de acompanhar, e cada qual conduzia o seu hóspede a um automóvel soviético Volga — dos últimos importados, pois a República China começa a lançar os primeiros carros «Bandeira Vermelha» e «Pequim».

Mas já em tempo de seguir para o banquete, realizado no mesmo Edifício do Parlamento onde, na véspera, no salão das solenidades, a sessão comemorativa do décimo aniversário da República reuniu 10.000 convidados. Agora, a reunião é num salão, um pouco menor: comporta cinco mil pessoas sentadas em mesas de dez lugares. Junto ao enorme estrado flutuante sentam-se em mesas iguais os dirigentes chineses e seu principal convidado o «premier» Kruschov, recém-che-

Cinco Milhões De Pessoas Na Maior Festa Do Mundo

gado de Moscou e de Nova Iorque. O banquete é uma apresentação sumária da cozinha chinesa, com apenas um doce, além dos doces. Vinhos chineses, louças chinesas, adornos de flores, não faltando nem mesmo os palitos a serem usados à guisa de colher. Ao alto, três diferentes orquestras, de pelo menos cinquenta figuras cada uma, desabam sobre os convivas música ocidental — Tchaikowski, Brahms — ou a fluida harmonia de gongos e metais da música chinesa. Os convidados estão dispostos de modo a terem como conexas personalidades ligadas à sua profissão e interesses, e ainda um intérprete capaz de pô-los em contato. São em geral estudantes de línguas, que vão traduzindo as palavras de Chou-En-Lai, o orador oficial, e do «premier» Kruschov. De oito a meia-noite desfila a culinária chinesa e a oratória comunista: a festa termina com o último brinde à paz mundial, feito por Chou-En-Lai, que encerra suas palavras dizendo «obrigados em pelo menos oito línguas, inclusive o português».

A PARADA MONUMENTAL

Desde a madrugada, começam a ouvir-se os sons de passos e das músicas, ao redor do Hotel Sin-Tchau, onde estão hospedados. Pela manhã, vejo passar pequenos grupos de homens vestidos de azul, de crianças e mulheres trazendo flores. Um dos cem automóveis postos à disposição dos convidados vem buscar-me e me conduz pelas ruas adornadas de lanternas vermelhas e cujas portas laqueadas se destacam vibrantemente no sol da manhã. Pequim do hoje é um misto de tradição milenar e de progresso espontâneo: oito palácios, cada qual de mais de dez mil metros de área, e de pelo menos cinco andares, foram construídos em 10 meses, para as festividades; o estádio monumental, onde os atletas chineses se tornaram campeões mundiais de tiro, natação e levantamento de peso, a Estrada de Ferro, talvez tão grande quanto a de Milão, são outras tantas construções recentes. Por dentro do Parque de Cultura do Operariado, jardim de um dos antigos palácios imperiais, são os convidados conduzidos a uma tribuna fronteira à grande praça, enorme pagode vermelho. Diante dele, de dois lados, estão, enormes, os retratos de Marx e Engels, de um lado, e de Lenine e Stalin de outro. Ao fundo, o de Mao-Tse-Tung, junto ao Monumento dos Heróis. E numa área de 250.000 metros quadrados, diante da Avenida da Paz Permanente, há meio milhão de cabeças. Por enquanto é só povo, massa azulada e quase indistinguível ao longe, tendo à frente seis bandas de música de mais de cem figuras cada uma. A chegada dos altos dirigentes chineses, acompanhados de Kruschov faz a multidão explodir em aplausos. O orador, desta vez, é o prefeito da cidade, cuja voz se multiplica pelos alto-falantes instalados permanentemente no alto dos grandes postes com candelabros dourados que circundam a praça. Também ao redor dela estão centenas de enormes bandeiras vermelhas. E subitamente a massa humana se move, ergue os braços que sustentam flores cor-de-rosa, vermelhas e verdes; aquelas flores cobrem, em todo o quadrado da praça, um vasto tapete onde se lê: 1949-1959, de dois lados do emblema da República.

E começa o desfile. As tropas militares são apenas uma representação simbólica dos 5 milhões de homens que constituem as forças armadas do país: os cadetes do exército, da marinha, da aeronáutica, a infantaria, os carros blindados e antiâerios chineses, dezenas de bombardeiros a caças a jacto também de fabricação chinesa. Logo, porém, inicia-se uma segunda parte,

um resumo da Nova China, feito por toda Pequim e pelas representações dos diversos povos que constituem o país. Erguem-se no ar balões de borracha, vermelhos, enormes, em quantidades surpreendentes, conduzindo fílamas de vários metros de extensão com dizeres: «Viva a República Popular Chinesa». «Viva a paz entre todos os povos do mundo». Logo à chegada de Mao-Tse-Tung subiram ao céu centenas de balões multicores e milhares de pombos com as caudas adornadas de fitas. Os dizeres, conduzidos pela multidão se repetem, e são vivas aos dirigentes comunistas, ao marxismo-leninismo, ao Partido Comunista, à paz mundial. A multidão começa a desfilar, vindo dos fins da Avenida da Paz Permanente, enquanto quinhentas mil pessoas, de quando em quando, se transformam num vasto canteiro de flores. Por toda a largura da avenida passam grupos humanos, carregando dizeres altos de três metros de altura, vermelhos, verdes, amarelos, dourados. As bandeiras vermelhas se multiplicam, às centenas, no alto dos edifícios nos ângulos da praça. Passam os pioneiros, os milhares, conduzindo uma estátua branca de Mao-Tse-Tung de dois metros de altura, ligada por fitas vermelhas que formam uma enorme flor de cinquenta metros de diâmetro. O primeiro carro alegórico é uma cesta de pêssegos de dois andares de altura, símbolos da longevidade, procedida de uma legenda que toma toda a largura do desfile: «Viva a nossa mãe-pátria».

Seguem-se as representações fabris. São milhares e milhares de homens e mulheres, cada grupo trazendo nas mãos flores de uma cor, e conduzindo carros enormes, profusamente adornados, no alto dos quais estão tratores, equipamentos, máquinas agrícolas, máquinas elétricas, fornos de aço, tudo movimentando-se, as chaminés fumegando, as rodas rodando; enormes maquetes de edifícios, hospitais, escolas, fábricas, e mais suas plantas, em cartazes de vários metros de altura, bairros populares, centros agrícolas. E logo os camponeses, os centros de produção agrícola, as comunas, erguendo-se no ar carneiros, bois, porcos, gansos descomunais como animais antidiluvianos. Hortaliças, gado, trens, frutas, estatísticas, navios, motores, tudo, desfila acompanhado de gongos, tambores, instrumentos de música, tudo levado por uma multidão de que só se distingue o movimento e a massa de flores que ergue no ar, a ponto de transformar a extensão da avenida num rio azul, verde, vermelho, amarelo, laranja, interminável e caudaloso rio que ruga vivas e rebenta em música de mil ecos. Na rua feita à representação do progresso, da Nova China: geradores, torres de rádio e televisão, foguetes espaciais, estandartes, dizeres: «Dez milhões de toneladas de aço este ano!», «Estamos além do nosso segundo plano quinquenal!», «E, do meio do desfile, desprendem-se permanentemente os requintes da arte popular chinesa, que sobem aos céus: dragões de papel de vinte metros de comprimento, que se erguem e flutuam, soltos, até se perderem no espaço, balões de borracha de todos os tamanhos e cores, os milhares, os milhões, sustentando faixas com dizeres, cestas de flores que dançam sobre as cabeças, falsões de dez metros de comprimento, ou pequenas armações de papel que se desprendem no ar, transformando-se numa chuva de aviões a trezentos metros de altura.

Vem agora as minorias nacionais, com seus trajes típicos, e dançando suas danças peculiares, o que fazem em quilômetros e quilômetros de trajeto: trazem cestas de flores, em carros alegóricos, e essas cestas jorram pétalas como repuxos. E mais dizeres: «Amor ao trabalho»; «Para sermos professores vermelhos e qualificados»;

«Vivam os milicianos!», Universitários, estudantes de tecnologia, operários mineiros, com armas, com flores, com leques, com sombrinhas, em grupos, intermináveis, erguendo e fazendo desparecer bandeiras, ornatos, dragões de papel de cem metros de extensão. Em seguida os dizeres: «Trabalhadores da arte da literatura» anunciam os artistas: a Ópera do Pequim apresenta, em quinze carros alegóricos, os cenários e intérpretes de quinze diferentes espetáculos; as escolas de dança levam à frente um «flauto» em forma de pavão de que elas próprias são o leque da cauda, abrindo e fechando-se por toda a largura da rua; outros grupos trazem arcos enfeitados de flores; vêm os atletas, os clubes de futebol, os campeões de tiro, natação e levantamento de peso, as danças; a da flor de lótus, em torno de uma enorme flor que roda em quase toda a largura da avenida, a dos leões, feita por bailarinos metidos, em peles de leão douradas como os nossos burrinhos carnavalescos, a dos dragões ondulantes, enormes serpentes multicores presas em hastes de bambu. Milhares de atletas de branco batem hastes vermelhas no ar, com um só ruído; outros, no alto de carros alegóricos, pulam em barras, equilibram-se em paralelas, ou amontoam-se em pirâmides sobre motocicletas. A praça inteira explode em exclamações, as seis bandas irrompem a «Internacionais» que nunca cantam ao meu redor em diversas línguas, as bandeiras vermelhas aglomeram-se aos milhares, as bandas atacam a marcha «Socialismo é bom» — e a massa humana desfaz pela última vez o tapete para correr, toda ela, em direção à tribuna, de onde os dirigentes comunistas acenam para o povo.

FOGOS DE ARTIFÍCIO PARA CINCO MILHÕES

De noite, os automóveis nos vêm buscar novamente. Agora, a demonstração será outra: toda a Pequim verá uma das mais velhas artes chinesas, que o Ocidente descobriu e transformou em arma de guerra. A praça está novamente inundada de povo. Ali estão vários dos grupos que desfilarão pela manhã, já agora misturados à massa humana; bailarinos do Tibete e de Cantão, dançadores de Jiang-Ho, marinheiros, soldados, operários, todos dançam entre si, até mesmo homens com homens e mulheres com mulheres, ou abrem rodas para a exibição de ondulantes balles acrobáticos coletivos, ao som dos alto-falantes que transmitem música da Orquestra Sinfônica de Pequim; música chinesa, que paira no ar em batidas de gongo que se diluem, ou valses que se desenrolam quase à europeia. Novamente a multidão aclama a chegada dos governantes chineses e dos convidados. E de repente o céu estada num trovão, os relâmpagos cruzam o ar: centenas de holofotes militares, de longe, rodeando a praça, formam sobre ela uma cúpula de feixes luminosos. E sobre essa abóboda de quilômetros de altura, o maior espetáculo de fogos de artifício até hoje visto começa. São flores de luz no espaço, fôças que se derretem, em estrélas, em pontos, em raios, em caleidoscópio de cores; e enormes e fictícios, contornados de lâmpadas elétricas, desaparecem debaixo do fogo multicolor e da fumaça; é todo um jardim, um enorme jardim de quilômetros de extensão atirado no alto, em lentejoulas, em estrélas cadentes, em cométras que cruzam ou em planetas que descem suaves como flocos. Por duas horas seguidas permanece aquele jardim suspenso no ar: mas o povo dançará até de manhã. O meu intérprete, um jovem chinês que tem a capacidade de adivinhar todos os desejos e de desdobrar-se para realizá-los, previne-me, com modestia: «Hoje foram fogos comuns; amanhã é que vamos fazer fogos de artifício chineses. O que o senhor viu hoje ainda não foi nada». E me conduz ao hotel, enquanto imagino que extraordinário Ziegfeld, que prodigioso Cecil B. de Mille poderia inventar tudo isto. Crianças, homens, mulheres chinesas nos sorriem e nos dão adeus à nossa passagem. Serão felizes? Posso dizer que sim. Eu vi.

I — Contra a intromissão...

(Conclusão da 1.ª página)

condaristas e universitários de todo o país, tomaram posição clara e firme em favor dos interesses nacionais, contra a exploração dos trustes estrangeiros e reivindicando da governa a resolução definitiva do problema.

Cabe agora ao povo brasileiro exigir que o governo não volte atrás das medidas de intervenção já decretada, mas ainda não realizadas integralmente, e sim, acabe com a exploração desenfreada dos frigoríficos e investistas. Que o governo sinta que, mais forte que o imperialismo e seus agentes e defensores, é o povo brasileiro.

MANIFESTAÇÃO POPULAR

Visando dar apoio popular à intervenção decretada pelo general Uruará Magalhães, presidente da COFAP, no mercado da carne, principalmente nos frigoríficos e invernadas, será realizada hoje, sexta-feira, às 17.30 horas, uma concentração em frente à COFAP (edifício da ABI, rua Araújo Porto Alegre). A concentração é organizada pela Mocidade Trabalhista do Distrito Federal e conta com o apoio da União Nacional dos Estudantes, da União Metropolitana dos Estudantes, da União Brasileira dos Estudantes Secundários, da Associação Metropolitana de Estudantes Secundários e de vários sindicatos.

Durante a manifestação, vários oradores deverão usar da palavra, expressando as críticas do povo à ação espoliadora dos trustes da carne e sua exigência de que seja resolvido realmente o problema do abastecimento da carne. Espera-se também o comparecimento do presidente da COFAP, assim como de outras autoridades. A Mocidade Trabalhista e as entidades estudantis e sindicais convidam a população carioca a que manifeste seu descontentamento para com os responsáveis pela atual crise da carne.

ESTUDANTES GAÚCHOS PROTESTAM

PÓRTO ALEGRE (da Correspondente) — O Movimento Estudantil Nacionalista, órgão que congrega os estudantes nacionalistas do Rio Grande do Sul, deu a público um manifesto denunciando as manobras especulativas dos frigoríficos estrangeiros na atual crise da carne. Diz o manifesto que não podíamos permanecer omissos quando este alimento indispensável à família brasileira é estocado por aqueles grandes cartéis internacionais (Armour, Swift, Wilson e Anglo), esperando o aumento do preço para ser lançado no mercado.

Manifestaram-se os estudantes gaúchos favoráveis à intervenção da COFAP, ou mesmo militar, se necessário for, e à nacionalização dos frigoríficos como a única solução capaz de beneficiar os que realmente precisam ser abastecidos: os lares de todo o país.

CONFEDERAÇÕES SINDICAIS DECIDEM:

Direito De Greve Sem Restrições

Na reunião realizada na noite de terça-feira passada, na sede do Sindicato dos Bancários, os líderes sindicais cariocas decidiram reconsiderar sua posição face à regulamentação do direito de greve. Nesse sentido, após um rápido histórico das demarções realizadas para aprovação do substitutivo do senador Atílio Vivacqua (derrotado), resolveram os dirigentes sindicais manter-se intransigentes na luta pela aprovação do projeto originário da Câmara Federal, com a emenda apresentada pela I Conferência Sindical Nacional. Ficou decidido ainda a convocação da II Conferência Sindical do Distrito Federal para os dias 30 e 31 de outubro e 1 de novembro, e a realização de um ato de

solidariedade no general Uruará Magalhães, pela sua atitude frente aos frigoríficos e investistas.

A reunião, que tomou outras importantes resoluções, contou, pela primeira vez, com a presença dos presidentes das quatro Confederações Nacionais de Trabalhadores, a saber: Deocléciano de Holanda Cavalcanti (CNTU), Angelo Parmigliani (CNTC), Sindulfo de Azevedo Pequeno (CNTTT) e Huberto Menezes (CONTEC). Participaram ainda da reunião, convocada pelo Conselho Regional Consultivo da CNTU, os representantes da Federação Nacional dos Marítimos, Federação Nacional dos Ferroviários e da Federação Nacional dos Jornalistas, do Sindicato Nacional

dos Aeronautas, e dos Aeroviários; o deputado Salvador Losacco e dezenas de dirigentes sindicais de diversas categorias profissionais. O sr. Gilberto Crockett de Sá, falando em nome do vice-presidente da República, sr. João Goulart, afirmou que o mesmo o mandara afluente aos trabalhadores o seu apoio a todas as deliberações que fossem adotadas na reunião.

Os presidentes das Confederações, por outro lado, manifestaram-se a favor da campanha nacional pela aprovação do projeto originário da Câmara Federal, que regulamenta o direito de greve, com a emenda dos trabalhadores. Os dirigentes da CNTU, CNTTT e CNTC, como se sabe, diante da perspectiva de verem o Senado rejeitar o projeto da

Confederações, manter-se intransigentes na luta pela aprovação do projeto oriundo da Câmara Federal. Para tanto pretendem contar, particularmente, com o apoio total dos 17 senadores do PTB.

AS RESOLUÇÕES

o final da reunião foram aprovadas as seguintes medidas: 1) defesa do projeto da Câmara Federal, que regulamenta o direito de greve, com a emenda apresentada pelos trabalhadores; 2) entrar em entendimentos com o sr. João Goulart visando a que o PTB, através de sua bancada no Senado, apresente na Comissão de Legislação Social, a emenda oferecida pela I Conferência Sindical Nacional ao projeto da Câmara; 3) promover a III Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal, nos dias 30 e 31 de outubro e 1 de novembro, para discutir: Previdência Social, Direito de Greve, e Carestia de Vida; 4) sugerir às Confederações a convocação da II Convenção Nacional Sindical; 5) promover uma campanha relâmpago, centralizada nos sindicatos, visando a coleta de milhares de assinaturas em telegramas e abaixo-assinados pleiteando a aprovação do projeto da Câmara. Esses documentos serão entregues em uma grande concentração a ser realizada nas escadarias do Senado no próximo mês; 6) moção de repulsa à ação do Ministro do Trabalho por sua conduta contra o direito de greve; 7) moção de soli-

dariedade aos metalúrgicos norte-americanos, e de protesto contra a Lei Taft-Hartley; 8) moção de apoio à greve dos operários navais de Niterói; 9) solicitar de todos os partidos políticos, bem como dos seus candidatos, uma definição sobre a regulamentação do direito de greve e a Lei Orgânica da Previdência Social, em conformidade com os interesses dos trabalhadores, como condição "sine qua non" para que meorem o apoio dos sindicatos.



Os dirigentes sindicais cariocas, vendo-se, da esquerda para a direita os srs. Gilberto Crockett de Sá, representante do sr. João Goulart; Sindulfo Azevedo, presidente da CNTTT; Deocléciano de Holanda Cavalcanti e Ari Campista, presidente e vice-presidente da CNTU; Angelo Parmigliani, presidente da CNTC; Olimpio Fernandes de Mello, secretário geral da CONTEC; Aluizio Palhano, presidente do Sindicato dos Bancários; e Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragmom Borges

REDATORES
Almir Mattos, Rui Facó, Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini,

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/903
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral . . . 130,00
Trimestral . . . 70,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte
N. avulso .. Cr\$ 5,00
N.º atrasado . . . 8,00..

FRIGORÍFICOS QUEREM "TIRAR O COURO" DO POVO BRASILEIRO

Quando justificava o preço por arroba do boi em 70 para os frigoríficos, o general Uruai Magalhães, presidente da COFAP, declarou que, segundo seus cálculos, os frigoríficos, pagando 500,00 por arroba, ainda tinham grande margem de lucro, e não podiam se queixar. Não há dúvida de que o general Uruai está mais do que certo.

Alegam os frigoríficos que, diante do emagrecimento do gado neste período do ano, os invernistas exigem um preço muito mais elevado do que aquele. Entretanto, na realidade, eles mentem duas vezes. Primeiro, quando dizem que os invernistas exigem preço mais alto, porque a maior parte do gado abatido por eles é engordada por eles ou por seus agentes e dependentes. Segundo, porque, conforme consta das próprias

EXPLORAÇÃO DESENFREADA E CRIMINOSO BOICOTE AO ABASTECIMENTO DE CARNE

declarações dos frigoríficos para efeito de imposto de renda, eles têm pago não 530, mas entre 350 e 360 cruzeiros por arroba.

Mas, mesmo se não fosse assim, os frigoríficos não podem se queixar de dificuldades a esse respeito, pois isso é o mesmo que se declararem culpados de transgressão da lei. De fato, usando esse mesmo pretexto, o de encarecimento e escassez do gado no período de entressafra, os frigoríficos conseguiram o privilégio de criar gado de sua propriedade em pastos próprios, com a condição de constituir estoques para garantir o abastecimento nos últimos meses do ano. Diga-se de passagem que este privilégio foi concedido no dia 16 de se-

tembro de 1946. Dois dias depois era promulgada a Constituição, o que impossibilitava a regulamentação de assuntos dessa natureza por simples decreto-lei do Executivo, sem discussão e votação no Congresso.

EXPLORAÇÃO DESENFREADA

Os frigoríficos vieram para o Brasil para exportar carne. Pouco a pouco, porém, o mercado de carne, como o de outros produtos de subsistência, nos grandes centros foi aumentando consideravelmente. Estabelecendo seus frigoríficos em pontos estratégicos do território nacional, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, principalmente, as grandes empresas de carne

começaram a controlar então a produção pecuária e o abastecimento das grandes cidades.

Graças ao controle que têm da produção, escravizam os pequenos pecuaristas e colocam na sua dependência ou a seu serviço a maior parte da pecuária para mercado (não para consumo interno: fazendas, cidades do interior, etc.), impondo os preços que lhes interessam. Resulta desse controle uma taxa de lucros das mais elevadas. É assim que os lucros dos frigoríficos estrangeiros, nos últimos anos em que foram publicados seus balanços, vão de 30 até 100% do capital empregado, quando nos Estados Unidos e na Inglaterra estes lucros nunca vão além de 15%.

BOICOTE

Embora a exportação de carne tenha diminuído depois de 1943, até hoje ela proporciona lucros enormes aos trustes. Isto porque o dólar para exportação de carne é bastante elevado, o que permite bom resultado em cruzeiros. Por exemplo, no ano passado, as exportações se fizeram a cerca de cem cruzeiros por dólar, isto é, pouco menos que a média do câmbio livre para o mesmo ano. Iniciada a crise da carne este ano, o governo proibiu terminantemente a exportação, o que não impediu que ela continuasse. É assim que, quando era quase impossível encontrar carne no Rio, há cerca de três semanas, foram embarcadas 106 toneladas para os soldados americanos na Alemanha. Já na semana passada, só no porto de Santos, em um só dia mais de trinta toneladas foram exportadas.

Enquanto isto, no mês de setembro, o consumo de carne no Rio de Janeiro, segundo dados oficiais ainda não divulgados oficialmente, foi reduzido de mais de 13 mil toneladas mensais, em média, a 6.570 toneladas. Isto é, a população carioca foi obrigada, pelo boicote dos frigoríficos e invernistas independentes, a consumir metade da carne que normalmente consome. Mais ainda, dessas 6.570 toneladas, os frigoríficos forneceram apenas 1.420, isto é, cerca de 20%.

Em poucas palavras: para defender seus lucros e privilégios os frigoríficos não hesitaram em reduzir enormemente o abastecimento do Rio de Janeiro, da mesma maneira que de outros grandes centros, na tentativa de encostar o governo na parede e impor condições ainda mais escherchantes para vender o que compram a preços vis aos pequenos produtores.

Forá De Rumo

RAYMUNDO NONATO

O Lunik III está de volta à Terra e em Paris a Agência Cook, instituição contemporânea de Júlio Verne, inicia a venda de passagens para o satélite que inspirou Catulo da Paíssa Cearense no Luar do Serião. Mas o Estado de São Paulo, jornal de propriedade de ilustre família de quatrocentos anos, anda aborrecido com o Lunik III.

Em sua edição, de domingo último, numa de suas cento e tantas páginas, o "Estado" afirma: "Não temos dificuldade em reconhecer neste setor da ciência aplicada a superioridade soviética". Feita essa honrosa concessão aos cientistas da União Soviética, o jornal observa, porém, que os regimes totalitários necessitam de façanhas deste tipo, para fins de publicidade no estrangeiro e para fazer esquecer as necessidades, vale dizer as misérias, que seus súditos sofrem em terrenos mais vitais da existência.

Deve ser examinada a constatação genial do Estado de São Paulo. Se a miséria leva ao desenvolvimento da astronáutica, por que não haveremos de explorar, no terreno brilhante da subnutrição, do analfabetismo e das endemias esse gigantesco potencial? Que estamos esperando ainda? Por que dormimos no ponto? Por que não metemos mãos à obra, dando "boqueio", inclusive, aos nossos bons vizinhos e amigos do Cabo Canaveral?

Há porém quem diga do Estado de São Paulo, afirmando que os êxitos nas explorações interplanetárias não constituem resultado da miséria e sim da riqueza. Tanto que logo depois da União Soviética alcançarem os Estados Unidos, como pioneiros da astronáutica, E quem se mostra ávida na apresentação de "façanhas desse tipo" em busca de publicidade? Não será a América do Norte?

Não deve o Estado de São Paulo inquietar-se mais que os americanos. Pois nem tudo está perdido, pelo menos aqui. Exemplifiquemos. Em reunião, na Biblioteca da Câmara, o deputado Tristão da Cunha, condenando a perigosa escola rural de alfabetização, contou um caso ocorrido em Campina Grande. O sr. Plínio Melo, imprudentemente, abriu uma escola para filhos de caboclos, em sua fazenda. Um garoto distinguia-se na classe. O pai, morador antigo, homem sério e trabalhador, pediu ao sr. Plínio que facilitasse a ida do menino para João Pessoa ou Recife. Não deveria ficar enterrado no mato. Poderia ganhar boa situação. Plínio atendeu, numa segunda imprudência. Tristão comentou: "O di. Plínio quis fazer um bem e fez um mal".

Guiados pela este que o sr. Tristão, representi, por algum tempo ainda estaremos livres do inconveniente de mandar engenhos à Lua, forçados pela necessidade extrema de ocultar as misérias do progresso.

COMITÊS ESTUDANTIS PRÓ-LOTT SERÃO CRIADOS EM TODO O PAÍS

- * IMPORTANTE MANIFESTO DE DIRIGENTES DAS ENTIDADES ESTUDANTIS APELANDO À FORMAÇÃO DE COMITÊS PRÓ-LOTT
- * ENTREGUE O MANIFESTO AO CANDIDATO DAS FÓRCAS NACIONALISTAS

— "Conscientes do processo histórico brasileiro e das perspectivas políticas nacionais, conclamamos os estudantes, parcela das mais expressivas do movimento nacionalista brasileiro, a organizarem-se em Comitês Estudantis pró-Lott" — este apelo está contido no manifesto lançado por cerca de duzentos dirigentes de quase todas as entidades estudantis do país e ontem entregue ao marechal Teixeira Lott no Ministério da Guerra, por uma comissão de líderes universitários e secundaristas. A comissão estava composta por membros da diretoria da UNE, UME, UBES, AMES, dos diretórios centrais da Universidade do Brasil, Universidade do Rio de Janeiro e Escolas Superiores Isoladas, além dos presidentes das Uniãos Estaduais dos Estudantes de Alagoas e da Paraíba e representantes de diretórios acadêmicos e grêmios secundaristas do Distrito Federal.

A SOLENIDADE

Recebidos pelo marechal Teixeira Lott na última terça-feira, os dirigentes estudantis fizeram entrega ao candidato das forças nacionalistas de um manifesto em que os líderes universitários e secundaristas de todo o país apelam à formação dos comitês pró-Lott.

O presidente em exercício da União Nacional dos Estudantes Paulo Tótil, apresentou os seus colegas ao marechal Teixeira Lott e passou às suas mãos o manifesto. O marechal Lott leu então o documento, declarando que estava de acordo em suas linhas gerais, com o seu conteúdo, no qual os líderes dos estudantes, condensando as declarações de princípio aprovadas nos últimos Congressos, apresentam uma série de importantes reivindicações nacionalistas e democráticas, entre as quais o

monopólio estatal na exploração das riquezas minerais, política exterior independente, relações diplomáticas, comerciais e culturais com todos os povos, reforma agrária, educação democrática e gratuita em todos os graus, além de outras.

Falando aos estudantes, deve-se o marechal Lott em algumas das questões levantadas pelos líderes juvenis. Defendeu então a escola pública, declarando que o auxílio às escolas particulares deve ser feito unicamente através das bolsas, assim como ratificou sua posição favorável ao absoluto respeito às liberdades democráticas. Referindo-se à questão dos frigoríficos, disse o marechal Lott que concordava com os estudantes em que a solução para o problema da carne era a intervenção e a nacionalização dessas empresas, medidas que entretanto deviam ser adotadas segundo os preceitos legais a fim de que não pudessem ser desfeitas mais tarde.

O representante dos estudantes alagoanos comunicou ao marechal Lott a realização em seu Estado da Semana do Petróleo e apresentou que os blocos de Alagoas já haviam recebido a primeira remessa de 5.000 barris do óleo negro para a refinaria de Matarine, na Bahia.

SIGNATÁRIOS DO MANIFESTO

O manifesto de apelo para a criação em todo o país dos comitês pró-Lott, e assinado por cerca de duzentos líderes estudantis, embora não em nome das entidades que dirigem.

Os alguns dos signatários: João Manoel Conrado Ri-

beiro (presidente da UNE), Raimundo Eirado e Marcos Heusi Nelo (ex-presidentes da UNE), Raimundo Nonato Cruz (presidente da UBES), Augusto Câmara (presidente do DCE da Universidade do Brasil), Albino Soares (presidente do DCE das Escolas Superiores Isoladas), Afonso Celso Guimarães Lopes (ex-presidente da UBES), Daniel Farah (presidente da UEE do Rio Grande do Sul), Edivaldo Santos (presidente da UEE da Bahia), Rogério Estotrel (presidente da UEE de Santa Catarina), Aguielo Balbi (presidente da UEE do Amazonas), Lindbergh Farias (presidente da UEE da Paraíba), Paulo Tótil, José Paulo Pertence, Otávio Lira Filho, José Alair Cavalcanti, Rocha (diretores da UNE), Adão Fidelis de Almeida (presidente da União Matagrossense dos Estudantes Secundários), Antônio Campos Silva (presidente do Grêmio da Escola Técnica Carvalho de Mendonça DP), Antônio de Pinh. Lima (presidente da União dos Estudantes Secundários do Território do Rio Branco), Tarzan Castro (presidente da União dos Estudantes Secundários de Goiás), Vergílio Windler (presidente da União dos Estudantes Secundários de Ponta Porã), Wilson Barros (presidente da Associação dos Estudantes Secundários de Nilópolis), José Vanildo de Queiros (presidente da União dos Estudantes Secundários do Território de Rio Branco), Pedro Rocha Juca (1.º vice-presidente da União dos Estudantes Secundários de Mato Grosso), Arnaldo Calheiro (presidente da UES de Alagoas), Arnaldo Martins (presidente da União dos Estudantes das Escolas Técnicas Industriais), Carlos Alberto Pais Landin (presidente da União dos Estudantes Secundários de S. Raimundo, Piauí), Clovis Assunção de Melo (presidente do Centro de Estudantes Secundários de Pernambuco), Jarbas Miranda Santana (presidente da UES da Bahia), Jesual Cavalcanti Barros (presidente da UES do Piauí), João Bosco Evangelista (presidente da UES do Amazonas), Jorge de Oliveira (presidente da UES do Estado do Rio), José Anibal Bourret (presidente da Liga de Moidade Trabalhista), Francisco Rocha Mesquita (presidente do Grêmio Acadêmico Comércio Cândido Mendes), Francisco Carvalho Nunes (presidente do DA da Faculdade de Medicina do Ceará), Enoch N. Correia (presidente da União Nacional dos Estudantes de Odontologia), Elísio Rodrigues de Araújo (presidente do III Seminário Nacional de Reforma do Ensino), Danilo Silva Azevedo (presidente do DA da Faculdade de Ciências Jurídicas do RJ), Danilo Necoço (presidente do DA da Faculdade de Direito

da Paraíba), Arnaldo Guerra (presidente do DA da Faculdade de Belas Artes da Bahia), Arildo Sales Dória (presidente do DA da Faculdade de Filosofia da URJ), José Maria de Araújo Dantas (presidente do DA da Faculdade de Engenharia da Paraíba), Marcos Andrade Padua (presidente do DA da Faculdade de Ciências Médicas da URJ), Nelson Vanzuz (presidente do DA da Faculdade de Filosofia da Universidade do RGS), Orlando Pereira Gomes (presidente do DA da Escola Nacional de Belas Artes), Alvaro Assunção (presidente da DA da Faculdade de Ciências Econômicas da URJ), Jorge Medeiros (presidente da DA da Faculdade de Direito da Bahia), Antônio Olthou Pires Rolin (presidente do IX Seminário de Estudos Jurídicos, Ceará), Washington Nogueira Oliveira (presidente da União Colégio de Minas Gerais), Wilson Ribeiro Borges (presidente do Clube Recreativo dos Estudantes Secundários de Goiás), Juarez Ramos Nascimento (diretor da AMES), Marconi de Faria Castro, Wladimir Moreira Cavalcanti (diretores da UBES), Luciano Gadelha de Abreu, Kleber Coelho Braga, Alpheu Ribeiro Meireles (diretores da UMES), José Schechter (1.º secretário do CACO).

Além destes, numerosos outros líderes estudantis dos vários Estados subscrevem o manifesto que convida os estudantes de todo o país a se empenharem na campanha pela vitória do marechal Teixeira Lott nas eleições presidenciais de 1960.

TANCREDO SERÁ INDICADO

Pode-se considerar firmada a escolha do nome do sr. Tancredo Neves como candidato do PSD às eleições para o governo de Minas Gerais. As resistências que havia ao nome do antigo ministro da Justiça foram sendo desfeitas a ponto de não constituírem hoje qualquer obstáculo mais sério à escolha do sr. Tancredo Neves.

A oposição mais séria era do sr. Benedito Valadares, que inclusive ameaçava retardar até março ou abril de 1960 a convenção estadual pedesista. Atualmente, porém, o sr. Valadares desistiu praticamente de lutar, conformado, ao que parece, com a promessa de lhe ser garantida a senetoria em 1960.

A indicação do sr. Tancredo Neves, que é geralmente considerado o único candidato pedesista capaz de derrotar o sr. Magalhães Pinto, representa uma significativa garantia de consolidação da candidatura Lott em Minas Gerais e do PSD.



Na foto, parte da numerosa delegação de líderes dirigentes estudantis de todo o país quando se entrevistavam com o Marechal Lott.

SAUDAÇÃO DE PRESTES A NOVA CHINA

"Os Êxitos Por Vós Alcançados Indicam-nos o Caminho a Seguir"

DISCURSO PRONUNCIADO NA SOLENIDADE COMEMORATIVA DO ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Camaradas! Este momento é para nós, comunistas do Brasil, e para mim pessoalmente, de profunda emoção. Pela primeira vez em minha vida de revolucionário tenho a oportunidade de participar de uma festa como esta. Sentimo-nos felizes com a possibilidade de transmitir, de viva voz, em solenidade pública e de repercussão mundial como esta, os sentimentos dos comunistas do Brasil a seus irmãos do mundo inteiro.

Trazemos aos camaradas do Partido Comunista da China, a seu eminente e querido chefe, camarada Mao Tse Tung, e a todo o povo chinês as calorosas saudações dos comunistas do Brasil, dos trabalhadores e de todo o povo brasileiro.

A comemoração do 10.º aniversário da vitória da Revolução Chinesa e da criação da República Popular da China é uma festa dos trabalhadores do mundo inteiro e, muito especialmente, a festa dos povos oprimidos pelo Imperialismo, dos povos que ainda hoje lutam pela emancipação nacional, entre os quais se encontra o nosso e seus irmãos dos demais países da América Latina.

Após a vitória, em 1917, da Grande Revolução Socialista de Outubro e da derrota do nazi-fascismo na segunda guerra mundial, foi a vossa vitória em 1949 o grande acontecimento que abalou o mundo e abriu o caminho da emancipação nacional para todos os povos espoliados e oprimidos pelo imperialismo. O estudo de vossa rica experiência no sentido da justa ligação das leis gerais do marxismo-leninismo à prática da revolução chinesa tem sido para nós da maior importância. Os êxitos por vós alcançados indicam-nos a rota a seguir. Provastes, a custa de imensos sacrifícios, que nós, os povos oprimidos, e aparentemente os mais fracos, somos na verdade os mais fortes. Juntamente com o movimento operário mundial somos a força que nasce e que tem a missão histórica de enterrar o sistema colonialista do imperialismo em decomposição.

Mas, se a vossa vitória em 1949 teve essa imensa significação, maior ainda tem sido para os povos nacionalmente oprimidos a lição de vossos êxitos na luta pela construção do socialismo na China. Conseqüistes, com a ajuda do campo socialista e em particular da poderosa

União Soviética, transformar a velha China atrasada e humilhada na grande potência de hoje. A ninguém mais é dado ocultar o ritmo sem precedentes do desenvolvimento de vossa país e o elevado nível de vida já alcançado pela sua imensa população. Tudo isto repercute entre nós, lá no Brasil, e torna cada dia mais evidente o contraste entre a vossa prosperidade de povo emancipado e soberano e a miséria em que se debate o nosso próprio povo.

Com o vosso ingente esforço, com o vosso trabalho infatigável, não construísteis apenas o socialismo em vosso país, ajudais a nós, comunistas dos países dependentes e coloniais, a esclarecer nossos povos sobre as causas mais profundas da dolorosa situação em que vivem — a exploração e opressão pelos monopólios imperialistas e as relações de produção atrasadas, baseadas no monopólio da terra, em que se apoia o imperialismo e é por ele apoiado.

Nisto está o motivo mais imediato de nossa gratidão, do entusiasmo e da profunda admiração com que nosso povo acompanha vossa atividade e vossos esforços na luta pela construção do socialismo na China.

Estamos certos de que na medida em que nosso povo possa melhor conhecer a marcha dos acontecimentos na China, essa extraordinária epopéia da construção do socialismo, mais rapidamente se convencerá da necessidade de cerrar fileiras em torno da classe operária e do seu partido de vanguarda a fim de que seja intensificada a luta contra o opressor norte-americano e o regime em que este se apoia.

O povo brasileiro ergue-se contra a miséria, luta com decisão pela emancipação nacional, quer o progresso da Pátria e tudo fará para colocar o Brasil no lugar que lhe cabe no concerto dos povos amantes da Paz. Agrava-se cada vez mais a contradição entre a nação em desenvolvimento e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos. Aguçam-se o choque entre as correntes patrióticas, nacionalistas e populares, de um lado, e os grupos reacionários que servem ao capital monopolista dos EE.UU., de outro.

Se bem que o governo do Sr. Kubitschek, no Conselho Nacional, não seja

NOTAS SOBRE LIVROS

A Semana Santa de Aragon é um romance-epopéia. Estranha e tumultuosa epopéia, narrativa tragicômica, cheia de episódios dramáticos e cortada de passagens risíveis. Em certa altura do livro o próprio autor refere-se à tragicomédia desta «Semana Santa».

Imagine-se o que podia ser aquela fuga de centenas de veículos diversos puxados a cavalo, desde as pomposas carruagens reais até às pesadas almanjarras bagageiras, e ainda as tropas militares de segurança também a cavalo... tudo isso em marcha desordenada, tanguida pelo terror e pela covardia, num salve-se-quem-puder batendo estradas de chuva e lama, ou de sol e poeira, durante toda uma semana... Por ali, escreve Aragon — «passava o destino da França, com a cavalaria do Rei, numa hora em que tudo era pósto em causa, o bem, o mal, o sentido da vida, a natureza da pátria...»

Acrescenta-se a isso espetáculo físico — no mesmo tempo trágico e grotesco — o que se passava no último daqueles grão-senhores dominados pelo medo, roídos pela desconfiança, desentendidos pelo ódio, dando ordens e contra-ordens, o Rei gordo, reumático e mal-cheiroso a desmoralizar vergonhosamente as suas origens divinas. Na realidade, essa corja de fujões pouco se importava com o destino da França, e muito menos com o bem e o mal, com o sentido da vida e a natureza da pátria; só lhes interessava atravessar rapidamente a fronteira para pedir a intervenção de tropas estrangeiras contra o Corso.

A fuga de Luís XVIII e sua corte constitui o grosso do romance, o seu motivo central, mas nele se inserem numerosos incidentes laterais e convergentes, cenas e quadros variados, dramas, comédias, idílios, amores efêmeros, sonhos, utopias, conspirações, o também as vistas do autor rasgando perspectivas para o futuro. A narrativa, em consonância aliás com o próprio desenrolar dos tumultuários acontecimentos narrados, não segue nenhuma linha plana, regular, medida, e que certamente resultaria monótona; pelo contrário, todo o seu desenvolvimento é entrecortado de acidentes imprevisíveis, inclusive algumas saborosas aulácias de composição, e estas quebras por vezes violentas na estrutura da obra, se lhe conferem uma fofoagem de aparente «desordem», nos deixam, por outro lado, uma impressão de extraordinária força artística, e isto é o que me parece mais importante. Efetivamente, só o domínio absoluto sobre os seus instrumentos de trabalho e sobre a matéria em processo de «ordenamentos» artístico poderia permitir semelhantes aulácias por parte do autor. E aqui reside, sem dúvida alguma, uma das marcas da sua grandeza, que se revela em toda a sua plenitude neste romance.

Voltaremos ao assunto na próxima vez.

ASTROJILDO PEREIRA

REGISTRO

Gilberto Freyre — Ordem e Progresso. Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime de Trabalho Livre: Aspectos de um Quase Milênio de Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre, e da Monarquia para a República. — 2 tomos com ilustrações. — Livraria José Olympio Editora, Rio, 1959. Gilberto Freyre — Problemas Brasileiros de Antropologia. Prefácio do Prof. Gonçalves Fernandes. — 2ª edição, revista e aumentada, com ilustrações. — Livraria José Olympio Editora, Rio, 1959.

Carlos Barretto — Povoamento e População. Política Populacional Brasileira. — 2ª edição, revista e aumentada, 2 volumes. Livraria José Olympio Editora, Rio, 1959.

Henry Alleg — A Tortura. Prefácio de Jean Paul Sartre. Opiniões de E. Maurice e Gabriel Marcel. Tradução brasileira de Armando Gimenez. — Edições Zumbi Ltda., São Paulo, 1959. (Este livro é um tremendo e justo libelo contra o colonialismo francês na Argélia).

«O Brasil e as relações com o Leste e a URSS» é um livro recentemente publicado, em que o seu autor, o economista e jornalista Amílcar Alencastro, analisa com objetividade e à luz de farta documentação o palpitante problema de nossa posição em face dos países socialistas. Economista do serviço público, o sr. Amílcar Alencastro recebeu em 1949 a incumbência de estudar as possibilidades do comércio com o leste. Desde então, vem se dedicando permanentemente a essa questão, examinando as particulari-

“O BRASIL E AS RELAÇÕES COM O LESTE E A URSS”

dades do comércio exterior soviético, as relações econômicas do campo socialista com os países capitalistas e as possibilidades que se abrem ao intercâmbio comercial entre o Brasil e os grandes mercados da URSS, das democracias populares e da China.

No livro que agora publica, o sr. Amílcar Alencastro expõe as conclusões a que chegou, com a seriedade e a coragem de um estudioso e de um patriota. Baseado em fatos e em números irrefutáveis, demonstra as vantagens que o nosso país poderá auferir com a normalização de suas relações econômicas externas; analisa o monopólio do comércio exterior brasileiro pelos Estados Unidos; traça um quadro veraz e convincente das possibilidades de intercâmbio entre o Brasil e os países socialistas.

Recomendamos aos nossos leitores, a todos os nacionalistas, a leitura e a difusão desse livro que constitui uma contribuição importante à causa do restabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com os países do Leste.

TEATRO

«O MACACO DA VIZINHA»

O conjunto TEATRO DO RIO, que se apresenta no Teatro São Jorge (Rua do Cateite, 338), encenou a peça O MACACO DA VIZINHA de J. Manoel de Macedo. Trata-se de uma deliciosa comédia, romântica e maliciosa, muito ao gosto da época da «Moreninha» o famoso romance do mesmo autor, que fez as delícias das adolescentes do meu tempo. Tal empreendimento constitui a nosso ver dupla temeridade: a de levar o espectador a estabelecer um paralelo com o espetáculo apresentado pelo «TABLADO» há dois anos, e a de fazer com que atores e atrizes que jamais tiveram noção do que seja cantar se lancem na aventura de enfrentar modinhas e canções que oferecem dificuldades muito acima das possibilidades de vozes não educadas para tal finalidade. No paralelo, é claro, um conjunto novo, composto de elementos de pouca experiência só pode ser prejudicado. Quanto ao mau uso da voz cantada é um fato inevitável, a ser observado sempre que artistas do teatro dito declamado se encontram em idêntica situação. Sem exigir demais, já tivemos insatisfeitos no dia em que não só aqueles que mereciam em uma escola de teatro, mas ainda aqueles já considerados expoentes em sua profissão, se convencerem de que para pisar um palco é necessário, pelo menos, saber falar. Falar de maneira audível, correta e exata. Para sermos justos devemos dizer que simplesmente falando, as atrizes Marisa Ribeiro e Solange França se fazem ouvir perfeitamente, usando inclusive, com propriedade, as inflexões cheias de graça maliciosa que a peça exige. No canto, desafiavam ambas inicialmente, quando pretendiam alcançar intervalos superiores aos seus recursos vocais, sendo que Solange França apresentava indícios muito claros de um cansaço que, fazemos votos, não venha a tomar aspectos mais sérios. Sua voz está a exigir cuidados constantes e imediatos. Apesar desses comentários não queremos dizer que o espetáculo esteja destituído de mérito. Trata-se de uma peça bem urdida, com momentos de boa comédia, sublinhada pela presença de Geni Marcondes que sabe, como ninguém, traduzir inflexões e caracterizar personagens e situações através dos sons. A direção de Rubens Corrêa é correta, sendo que a introdução ao segundo ato, com os personagens recostados em silhueta, executando manobras acompanhadas por um misterioso ruído de piano e flauta está simplesmente deslumbrante. Os cenários de Nilson Penna em seu estilo romântico de «tubo contido» com muito acinar colorido, estão muito no espírito da época. Graças e comendas às famílias, como os traços de Sofia (Marisa Ribeiro) também de N. Penna. Menos feliz nos vestidos da criada Beatriz (Solange França).

Excetuando a parte cantada, o desempenho esteve, de um modo geral, bom. Destacamos Germano Filho, que, entretanto, poderia acentuar menos o lado caricatural do personagem, um tanto exagerado, especialmente, naquele constante locomover-se de joelhos, pelo palco. Trata-se, possivelmente, da linha escolhida pelo diretor.

ROTEIRO

Prosegue o III Festival de Teatro Infantil no João Caetano, aos domingos — 10 horas. Também no domingo, no Golden Room do Copacabana Palace, em homenagem ao «Dia da Criança» a petizada poderá assistir à peça de Thais Bianchi «A DOCEIRA DE BRINDUMBLIM». Telefone do teatro: 57-5102. Estréias numerosas se sucedem: Teatro de Arena, o GRUPO DE TEATRO, dirigido por B. de Paiva, no Teatro de Arena da Faculdade de Arquitetura — Av. Pasteur, 250 — o Tablado, o Teatro de Bólso, e outros.

BEATRIZ BANDEIRA

AMARAL CONTRA O NORDESTE

Os deputados do Nordeste do Norte e do Nordeste, que se uniram, para o caso que se criem em torno do DNOCS, as favoráveis à sua passagem para o COBEN Argumentam os parlamentares nordestinos que se pretende o governo realizar com seriedade a «Operação Nordeste», não se compreendia que esse Departamento, cujas tarefas se relacionam com o problema das sêres, ficasse afastado na direção do órgão que é o responsável pelo encaminhamento dos problemas do Nordeste.

Por outro lado, o sr. Amaral Peixoto insiste em conservar sob seu controle o Departamento de Obras Contra as Secas, a fim de manter o regime de filiotismo e distribuição de verbas, apoiando-se para isto no senador A. Arnaldo Figueredo, que defende no caso interesses de ordem puramente pessoal.

Os setores interessados em fazer da «Operação Nordeste» um instrumento de luta pelo desenvolvimento daquela região do país estão exigindo do sr. Jacelino Kubitschek uma decisão contra as pretensões do sr. Amaral Peixoto e seus amigos e apadrinhados.

Do Primeiro Satélite Da Terra Aos Foguetes à Lua

Professor S. POLOSKOV

(Continua sob o título)

O dia 4 de outubro de 1957 entrou para sempre na história da humanidade: em nosso país fora lançado com êxito o primeiro satélite artificial da Terra.

Menos de um mês depois foi lançado ao espaço o segundo satélite artificial soviético, equipado com aparelhos científicos mais modernos e variados, e tendo a bordo um animal de prova. O terceiro satélite artificial soviético, arremessado a 15 de maio de 1958, até hoje está em voo, enviando radio-sinais à Terra.

Iniciou-se, assim, uma nova era na história do domínio da natureza pelo homem — a era da exploração do espaço cósmico. A importância histórica dessa vitória reside em haver demonstrado a todo o mundo a poderosa força criadora do regime socialista.

Esses feitos do país do socialismo abalaram literalmente toda a humanidade. Milhões de nossos amigos em todas as partes do mundo acolheram, admirados, a grandiosa proeza dos representantes da ciência e da técnica soviéticas e dos operários de nossa indústria. Esse feito da União Soviética provocou receio e confusão entre os inimigos do socialismo — os *spatniks* demonstraram, de maneira evidente, o alto nível a que a URSS elevou sua ciência, técnica e indústria.

O começo de 1959 — primeiro ano do Plano Setenal — foi assinalado pelo lançamento do primeiro foguete cósmico soviético em direção à Lua. O foguete passou de 5 a 6 mil quilômetros de distância do astro da noite e se transformou em planeta artificial do Sol.

O arremesso do foguete cósmico de várias fases em direção à Lua foi dedicado, pelo pessoal dos institutos de pesquisas científicas, das empresas de construção, das fábricas e organizações de provas, no XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, criador de um grandioso programa de ampla edificação do comunismo.

A 12 de setembro de 1959 foi lançado o segundo foguete cósmico soviético em direção à Lua, atingindo seu objetivo a 14 do mesmo mês e colocando ali um estandarte com as insígnias da União Soviética. Foi, pela primeira vez na história, realizado um voo, a partir da Terra, para outro corpo celeste! Essa vitória de nossos conquistadores do Cosmos é um feito de todo o povo soviético e de todo o campo do socialismo. É uma grande contribuição ao desenvolvi-

mento da ciência universal e uma conquista de importância mundial.

«Por que os cidadãos soviéticos — escreve o camarada N. S. Kruschiov — foram os primeiros a resolver com êxito o problema tão difícil, e realmente grandioso, — o envio de foguete à Lua — quando essa tarefa era, para muitos, uma incógnita? Esse feito se tornou possível porque os milhões de cidadãos soviéticos souberam solucionar, com suas próprias mãos e trabalho heróico, em prazo histórico bastante curto, uma grande questão social: construiram a sociedade socialista e edificaram com segurança o comunismo.»

Vivemos numa bela época de florescimento inaudito da ciência e da técnica, da economia e da cultura, quando autênticos contos de fada se tornam realidade. As gloriosas vitórias alcançadas pela ciência e técnica soviéticas servem à grande causa do fortalecimento da paz em todo o mundo e ao desenvolvimento das relações de amizade entre todos os povos.

Hoje, data do segundo aniversário do lançamento do primeiro satélite da Terra, os cidadãos soviéticos proclamam com orgulho as palavras do apelo do CC do PCUS em comemoração do 42º aniversário do Grande Outubro:

— Viva os cientistas, construtores, engenheiros, técnicos e operários soviéticos, que glorificam nossa Pátria com o primeiro voo à Lua, inaugurando nova era na conquista pelo homem do espaço cósmico!

O PONTO DE PARTIDA

A 4 de outubro de 1957 os cientistas, engenheiros e operários soviéticos realizaram proeza heróica: pela primeira vez na história da humanidade enviaram ao cosmos um corpo artificial que se tornou, durante certo tempo, corpo celeste — um satélite da Terra. A partir desse momento a palavra russa *spatnik* tornou-se internacional.

É claro que esse grande feito não foi casual: representou nova e importante etapa no programa científico de pesquisa, por meio de foguetes, das camadas superiores da atmosfera da Terra, e do cosmos, programa que vem sendo realizado, há vários anos, na URSS. Esse feito foi preparado, do ponto de vista técnico, pelo progresso da técnica de fabricação de foguetes em nossa Pátria. O programa científico foi elaborado e pôsto em prática à base da experiência acumulada com a pesquisa das camadas superiores da atmosfera da Terra por meio das ascensões verticais de foguetes geofísicos grandes e pequenos.

Já com o primeiro satélite artificial foram resolvidos com sucesso importantes problemas científicos. A observação da passagem e da absorção, na ionosfera, das ondas de rádio emitidas pelos transmissores do *spatnik* em duas frequências, possibilitaram esclarecer certas propriedades dessa camada da atmosfera. O estudo do movimento do *spatnik* permitiu chegar a conclusões interessantes e importantes, relativamente à densidade da atmosfera em altitudes elevadas.

Além de soviéticos, também participaram dessas pesquisas científicas estrangeiras, inclusive da Inglaterra e dos Estados Unidos. Isso se tornou possível porque foram comunicados, pela imprensa e em conferências científicas,

todos os dados necessários a observações científicas sobre o *spatnik*. O mesmo aconteceu com os lançamentos posteriores dos satélites artificiais e dos foguetes cósmicos.

Um dos principais objetivos do primeiro satélite artificial foi o estudo das condições físicas do movimento dos corpos a velocidades cósmicas e em diferentes altitudes.

Menos de um mês depois, a 3 de novembro de 1957, foi arremessado o segundo satélite artificial. Sua principal finalidade era pesquisar as possibilidades de voo ao espaço cósmico de seres vivos superiores. Nêle foi colocado o primeiro viajante do espaço — a cadela «Laika». As pesquisas médico-biológicas realizadas com o segundo satélite entrelaçaram-se com êxito ao estudo dos raios cósmicos.

Deve-se observar que, por suas proporções e peso, os satélites soviéticos invariavelmente superaram os satélites americanos correspondentes.

O grandioso terceiro satélite artificial soviético — 1327 quilos — lançado a 15 de maio de 1958 é um laboratório cósmico completo.

Basta dizer-se, para que se compreenda sua importância científica, que com ele foi realizado com sucesso um conjunto de estudos científicos que esgotou, no fundamental, todas as questões planificadas pela União Soviética para o Ano Geofísico Internacional.

O CINTURÃO RADIOATIVO

São extremamente interessantes os dados científicos conseguidos com o terceiro satélite artificial. O maior deles foi a descoberta do cinturão radioativo existente em torno da Terra.

Realizamos também análises bastante completas e importantes do campo magnético da Terra a grandes distâncias de sua superfície. Devemos assinalar, em particular, as pesquisas diretas dos chamados parâmetros estruturais da atmosfera superior. Por essa expressão suentendida-se o estudo da distribuição da densidade e da composição da atmosfera por meio de medições, diretas, realizadas por aparelhos instalados no terceiro satélite manômetros de dois tipos, para medir a pressão e um espectrometro de massa para medir a frequência da radioatividade para definir a composição das moléculas de gás e átomos na atmosfera superior, em estado de ionização. Essas pesquisas são muito complexas do ponto de vista experimental: exigem grandes gabaritos dos recipientes, de peso considerável e de complicado aparelhamento para transmitir informação científica à Terra. É por isso que essas estudos até agora não foram realizados pelos satélites americanos em virtude de suas diminutas proporções e pequeno peso.

IDEIAS QUE SE MODIFICAM

Atualmente os resultados das observações estão sendo detalhadamente elaborados e os cientistas soviéticos dispõem de dados a respeito da distribuição da densidade das partículas neutras (não ionizadas), em altitudes de 200 a 500 quilômetros. Constatou-se que até mesmo as representações teóricas da atmosfera relativamente recentes (1957) não dão, para as grandes altitudes, uma idéia exata de sua estrutura e devem ser modificadas. Estabeleceu-se que a atmosfera superior da Terra é mais densa do que se supunha, o que é uma descoberta da maior importância.

No entanto, uma conquista ainda mais notável é a nossa ver, a pesquisa da composição da ionosfera a grandes altitudes. Pelas investigações feitas de 15 a 25 de maio de 1958 com o terceiro satélite conseguiu-se um material, já plenamente elaborado, que inclui cerca de 15 mil espectros de massas de ions positivos. As medições foram feitas nas altitudes de 225 a cerca de 1.000 quilômetros e abrangem uma imensa região da atmosfera da Terra, tanto em amplitude como em longitude. Trata-se de uma zona em que, segundo idéias anteriores, praticamente já não existia atmosfera terrestre, e onde se descobriu uma ionosfera bastante densa, quanto à composição química da atmosfera nessas altitudes, a análise dos espectros de massa revelou a presença de ions do oxigênio atômico, do azoto atômico, do azoto molecular, do oxido de azoto e do oxigênio molecular.

Nas pesquisas soviéticas do espaço cósmico houve um novo salto qualitativo a 2 de janeiro do corrente ano. Pela primeira vez na história da humanidade comunicou-se a segunda velocidade cósmica a um corpo artificial criado na Terra pelos esforços dos

cientistas soviéticos. Foi lançado um foguete cósmico em direção à Lua, tornando-se planeta artificial.

Todo o mundo acompanhou o movimento do primeiro planeta artificial e os cientistas de todos os países procuraram acompanhar os sinais eletromagnéticos por ele transmitidos. Por ocasião desse primeiro voo cósmico conseguiu-se vasto material para estudo da matéria interplanetária e das irradiações cósmicas.

ASTRONOMIA — CIENCIA EXPERIMENTAL

Os estudos feitos por meio dos satélites e foguetes cósmicos retiraram a astronomia do número das ciências de observação. Antes, o homem limitava-se a acompanhar, da superfície da Terra, os processos que ocorriam nos astros ou no espaço cósmico, sem poder neles intervir ou fazer experiências diretas no meio interplanetário. Hoje, os foguetes e os satélites tornaram a astrofísica ciência experimental. Além disso, o homem interviu nos processos cósmicos ou os provocou, a seu critério. Temos disso exemplo brilhante na criação dos cometas artificiais, isto é, luminiscência artificialmente provocada no espaço interplanetário.

De 12 a 14 de setembro de 1959 tornamos-nos testemunhas de uma etapa qualitativamente nova da conquista do cosmos pelo homem. Nesses dias foi realizado com êxito o primeiro voo interplanetário da Terra à Lua. Um foguete cósmico soviético colocou na Lua um estandarte com as armas da União Soviética, realizando-se uma série de notáveis experiências. Os cientistas soviéticos pretendem estudar, além do espaço cósmico, o maior corpo celeste próximo à Terra: a Lua. Comprovou-se que esta não possui qualquer campo magnético considerável.

Assumem grande valor as pesquisas feitas, por meio dos foguetes cósmicos, da distância interplanetária gaseosa e da substância dura, a chamada substância meteorica. A importância das densidades das partículas das correntes de gás, ou, em outros termos, das correntes corpusculares que percorrem o espaço interplanetário e o estudo de suas direções, inclusive das que são emitidas pelo Sol, são de extrema importância para se conhecer os processos que ocorrem na atmosfera da Terra e se compreender as causas das variações do campo magnético da Terra. O estudo da substância meteorica e de sua distribuição no sistema planetário a partir do Sol para a periferia, o estudo das correntes meteoricas, inclusive das que se formam em consequência da desagregação dos cometas — também se revestem de grande significação para se esclarecer as leis que regem o movimento das naves interplanetárias, o qual só poderá ser realizado com segurança por meio das pesquisas feitas através dos satélites e foguetes cósmicos. Nesse sentido, os cientistas soviéticos conseguiram novos dados tanto com o terceiro satélite como com os foguetes cósmicos.

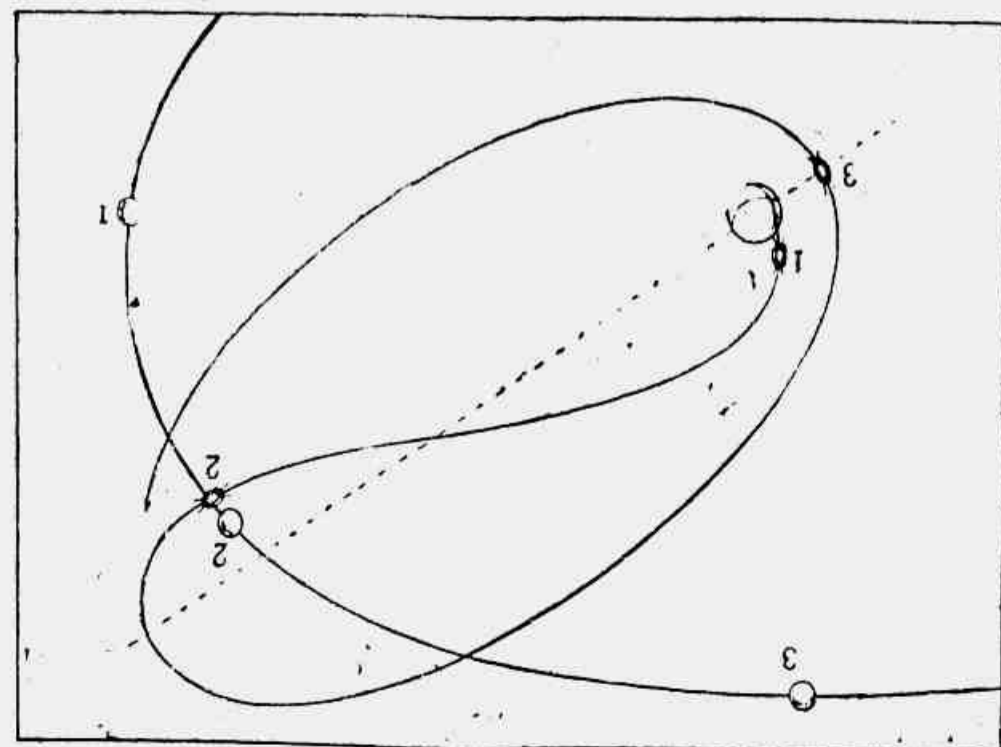
Constatou-se que em altitudes bastante elevadas essas partículas desferem no espaço cósmico em torno da Terra, uma média de cerca de 10 — 3 ímpetos por metro quadrado e por segundo, o que corresponde, em média, a uma corrente de partículas de 10 — 12 gramas por metro quadrado e por segundo. Parece, à primeira vista, grandeza muito pequena, mas somada por toda a atmosfera terrestre chegamos a mais de 1.000 toneladas em 24 horas.

Todas essas pesquisas do cosmos, realizadas em prazo tão curto — apenas dois anos! — constituem grande contribuição da ciência mundial, e modificaram as nossas próprias concepções a respeito de uma série de ciências. Desaparece, por exemplo, o limite entre a astrofísica e a geofísica. Os corpos celestes se aproximam de nós, no mesmo tempo em que se ampliam os objetivos das pesquisas geofísicas.

Quais são os resultados? Tornou-se bastante difícil em nossa época, fazer prognósticos. Quanto às pesquisas da física da atmosfera superior, por exemplo, o estudo direto da Lua já está longe de ser ficção científica.

Não há dúvida de que muitos de nós nos tornaremos testemunhas de êxitos novos talvez não menos notáveis no estudo do cosmos pelos cidadãos soviéticos. No entanto, alguns acontecimentos realmente marcaram época para todo o sempre e entre eles estão o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra, a criação do primeiro planeta artificial e o primeiro voo interplanetário da Terra pelos esforços dos

ESQUEMA DO MOVIMENTO DO LUNIK III.



(1) Posição da Lua e do foguete no momento de sua entrada na órbita; (2) Posição da Lua e do foguete no momento de sua máxima aproximação; (3) Posição da Lua e do foguete no momento da aproximação deste último de volta à Terra

Carreiros

Govêrno Fêz Corpo Mole Mas Marítimos Forçaram Nova Intervenção

A cidade de Niterói voltou a ser agitada na última quinta-feira, em consequência da greve dos marítimos, que se negaram a trabalhar para o grupo Carreiro, proprietário das empresas de transporte entre o Rio, Niterói e ilhas da Guanabara. O movimento desencadeado pelos trabalhadores do mar, apesar dos transtornos que causou a milhares de passageiros, contou com um apoio tão caloroso da população fluminense e carioca que o Govêrno se viu obrigado a decretar uma nova intervenção nas empresas que, poucas horas antes, por sentença judicial, acabara de ser entregues aos irmãos Carreiro.

A greve desencadeada pelos marítimos não era novidade para ninguém. Os trabalhadores dos estaleiros, os foguistas, marítimos, mestres de arrais, motoristas e empregados de escritórios do Carreiro, reunidos no Sindicato dos Operários Navais há mais de um mês, comunicaram às autoridades que cruzariam os braços contra as Frotas Barreto, Costa e Cantareira, assim a administração dos Carreiros. Essas empresas, como se sabe, estavam sob intervenção Federal desde o acontecimento do dia 22 de maio.

INTERVENÇÃO DEU RESULTADO

Sob o regime de intervenção Federal os trabalhadores começaram a ter nova vida. Os seus salários (16 milhões de cruzeiros mensais) não atrasaram mais. As coisas de previdência unais de dois milhões de cruzeiros mensais passaram a ser recolhidas regularmente ao IAPM. Todas as demais despesas estavam sendo pagas. As empresas, que os Carreiros diziam ser deficitárias, assimilaram um

saldo mensal de três milhões de cruzeiros. Os Carreiros, entretanto, que receberam uma subvenção maior do que a entregue atualmente ao interventor, alegavam precisar de elevar o preço das passagens, ou de receber uma ajuda governamental de mais três milhões de cruzeiros, para fazer face ao pagamento do pessoal. Além, foi exatamente por isso, isto é, porque não pagavam o salário dos seus empregados, que houve a greve de maio, cujas consequências foram desastrosas para os próprios Carreiros.

As autoridades sabem, portanto, que os marítimos desencadearam a greve se os Carreiros fossem reintegrados em seus bens. Os trabalhadores afirmaram, em várias oportunidades, que estavam satisfeitos com a administração do interventor, e que não desejavam voltar ao regime de exploração dos Carreiros. Coerentes com essa opinião, começaram a intensificar a luta pela encampação das empresas. Em 20 de junho, o Govêrno baixou um decreto declarando de utilidade pública os serviços do Grupo Carreiro, para fins de expropriação. Mas as próprias autoridades federais e principalmente a Comissão de Marinha Mercante, começaram a dificultar a solução definitiva do problema. O depósito de 800 milhões de cruzeiros, exigido pela justiça, para que o ato de desapropriação fosse efetuado, não se efetuou. O Juiz da Quarta Vara da Fazenda acabou por determinar que a Comissão de Marinha Mercante devolvesse as empresas aos irmãos Carreiro. Esse fato determinou o eclosão da greve.

UMA SURPRESA ARRASADORA

Tanto o Govêrno como os Carreiros tomaram provi-

dências para que a paralisação não atingisse aos seus objetivos. As autoridades federais e estaduais mobilizaram as forças de repressão. Os Carreiros, por outro lado, arremeteram um grupo de turca-greves para assumir o trabalho às 15 horas, quando a parada teria início. O tiro salvou pela culatra. O dispositivo antigreva estava montado para entrar em ação às 15 horas. Mas a greve foi declarada às 11 horas. A antecipação do movimento determinou a precipitação das operações e a rápida vitória dos grevistas.

SOLIDARIEDADE, FATOR DE VITÓRIA

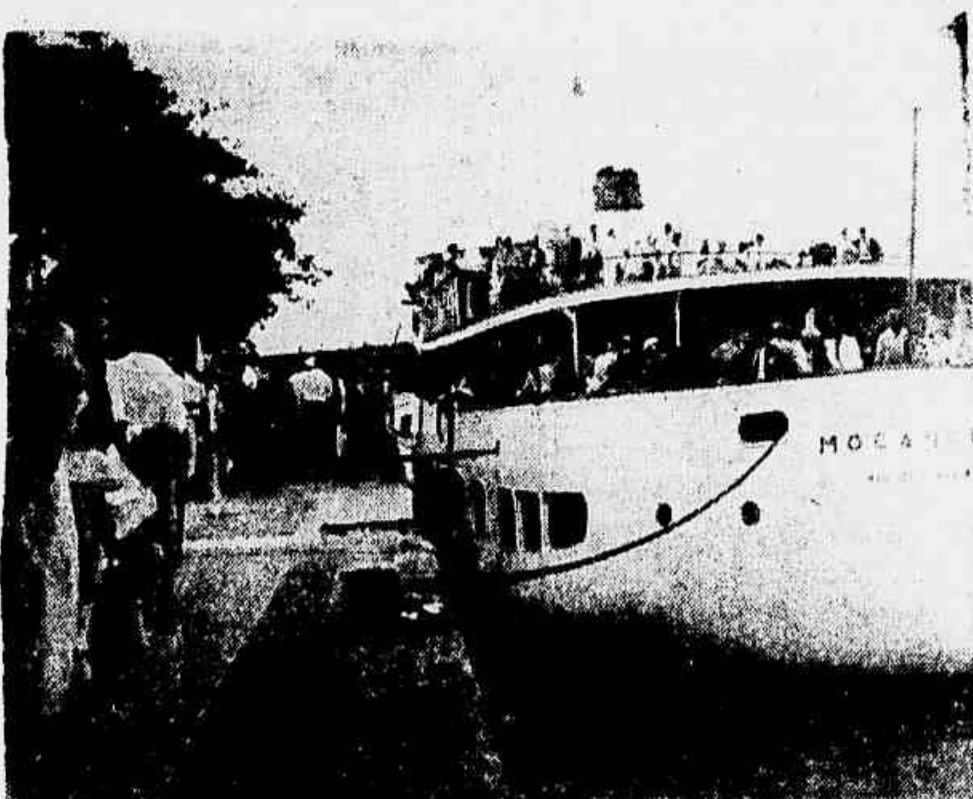
Logo que a paralisação foi efetuada, o Conselho da Federação Nacional dos Marítimos lançou uma nota pública declarando que qualquer violência que viesse a ser praticada contra os grevistas determinaria o colapso total do tráfego na Baía de Guanabara. A sede da Situação dos Operários Navais, onde funcionava o comando grevista, começaram a chegar manifestações de apoio de diversos setores. Os sindicatos fluminenses, reunidos no Conselho Regional da CNT, declararam-se em assombro permanente. Os rotacionários antecoraram entrar em greve. A União Fluminense de Estudantes e a Presidência do IV Congresso Fluminense dos Municípios, enviaram noção de apoio à luta dos marítimos. O movimento começou a ganhar novo aspecto. O próprio Governador do Estado enviou insistentes apelos ao Presidente da República para que encontrasse uma fórmula capaz de normalizar a situação, impedindo o retorno das empresas aos irmãos Carreiro. O movimento iniciado, pe-

los marítimos se transformou em luta de todo o povo. Fluminenses e cariocas, manifestando o seu apoio à luta pela encampação dos transportes marítimos na Guanabara, deixaram claro a sua condenação à conduta do Ministro da Viação e da Comissão de Marinha Mercante, que vêm protelando a desapropriação dos bens dos Carreiros.

As autoridades governamentais terão agora mais 60 dias para proceder à encampação das Frotas. Essa solução não pode ser novamente protelada. A intervenção federal nas Frotas prova que o Grupo Carreiro lesava criminosamente os seus empregados, o povo e o Govêrno.

Os Carreiros, como faz agora a Light com o serviço de bondes no Distrito Federal, afirmavam ser impossível manter o transporte de passageiros na Guanabara sem um novo reajustamento no preço das passagens, ou maior subvenção oficial. Eles recebiam 11 milhões mensais, e queriam mais três milhões. O mais grave é que o Govêrno atendia aos pedidos do transporte Rio-Niterói sem proceder, sequer a um exame sério das suas escritas. Mas, com a intervenção federal, ocorrida mais tarde na ação do povo, em maio último, do que na vontade do govêrno, ficou nublada a mentira dos Carreiros. O interventor tem pouco reflexivamente o salário dos trabalhadores, as cotas do IAPM, as despesas de óleos e combustíveis que vão a 3 milhões e despesas com créditos conforme afirmaram os Carreiros, e ainda tem assegurado um saldo de 3 milhões de cruzeiros.

Para acabar com o assalto dos Carreiros aos cofres públicos e à economia popular, e pôr um fim às con-



... a greve na Guanabara, o povo arranjava-se como podia com os transportes colocados à sua disposição pela Marinha de Guerra...

lantes iniquações dos passageiros e trabalhadores das Frotas, é que o povo, ao lado dos marítimos, vem exigindo a encampação dos serviços de transporte na Guanabara.

Posse da nova diretoria do Sindicato Carreiro

Será empousada no próximo dia 31, às 19 horas, a nova diretoria do Sindicato dos Empregados em Comércio Hoteleiro do Rio de Janeiro, encabeçada pelo líder Rui Alves Guimarães. O antigo presidente do Sindicato, sr. Euclides José Batista, foi eleito representante junto à Federação. A chapa n.º 1, composta dos srs. Alcindo Horácio da Costa e Luiz Augusto de Franca; e a n.º 2, encabeçada pelo sr. Silvério Manoel da Silva, foram derrotadas. A posse da nova Diretoria será na sede social do Sindicato, seguindo-se um animado baile.

Quando a Produção Da União Soviética Vai Superar a Dos Estados Unidos ?

- Por que o socialismo venceu completa e definitivamente na URSS?
- E' possível a coexistência pacífica entre o socialismo e o capitalismo?

O informe de Kruschiov ao XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética responde a estas e outras perguntas. Conheça o PLANO SETENAL que lança as bases da construção do comunismo na URSS.

Leia este novo lançamento da COLEÇÃO DOCUMENTOS POLITICOS (N.º 21), à venda nas livrarias.

Pedidos à

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Rua Juan Pablo Duarte, 50 - sob
Tel.: 22-1613 — Rio — D. F.
DESCONTO DE 10%

- aos pedidos do interior acompanhados deste anúncio;
- a quem apresentar este anúncio em nosso escritório.



As sessões plenárias do Congresso foram muito concorridas

LAVRADORES EM VALENÇA IMPEDIDOS DE PLANTAR

VALENÇA — Estado do Rio (Da correspondente) — Inúmeros lavradores, muitos dos quais trabalhando há mais de 40 anos como arrendatários e terceiros, estão sofrendo loda a sorte de perseguições na Fazenda Boa Vista, de propriedade do sr. Gabriel Villela. O administrador da Fazenda, sr. Antônio Alves Campos, e o seu capanga Sebastião Pedro, estão impedindo que os lavradores continuem a plantar.

Antônio Francisco da Silva é um velho trabalhador que há mais de 40 anos reside na Fazenda. Nos últimos 10 anos conseguiu passar de empregado a terceiro. Nesse período, transformou um grande brejo em terra cultivável, a esse novo lavoura de milho, cana, feijão, arroz, mandioca, inhame e café. Agora o administrador quer expulsá-lo sob ameaça de espancamento.

Sebastião Pedro, capanga

do fazendeiro, botou fogo no pasto que estava arrendado ao lavrador Juvenino Carvalho Rocha. Em virtude disso, para não ver seus animais morrerem de fome, o trabalhador teve de arcar com um grande prejuízo, alimentando-os, durante longo tempo com cana de açúcar, banana, inhame, etc. Os lavradores, entretanto, continuam resistindo às investidas criminosas do fazendeiro e de seus capangas.

Trabalhadores Alagoanos Querem a Reabertura Das Fábricas De Tecidos

COROADO DE ÊXITO O 2.º CONGRESSO — ENCAMPAÇÃO DA BOND AND SHARE EM TODO O NORDESTE

O 2.º Congresso Regional dos Trabalhadores de Alagoas realizou-se de 1 a 4 de outubro, em Maceió. Tomaram parte 26 sindicatos e 4 associações, representando a totalidade do movimento sindical alagoano. O ato inaugural, realizado no Palácio dos Trabalhadores, onde está localizada a maioria dos sindicatos, alcançou grande repercussão, tendo sido irradiado pela emissora oficial. Foi presidido pelo governador Muniz Falcão. Participaram da mesa o major Romalvo Rosa e Silva, representante do Comando da Região; dr. Murilo Mendes, secretário do Estado; deputados Váber Figueiredo, Tarso de Jesus e Armando Soares; vereadores Romalvo Siqueira e Claudionor Sampaio; os dirigentes sindicais Roberto Moreira pelo Distrito Federal; Plácido Pessoa por Pernambuco; Loutrival Sales, pelo Bahia; Manoel Rollemberg, pela Delegacia Regional do Trabalho; sr. Osvaldo Braga, pela Federação das Indústrias de Alagoas; e José Luis Ferreira, Presidente do Congresso.

O TEMÁRIO

O temário do Congresso constou dos seguintes pontos: das normas gerais da tutela do trabalho; da contratação coletiva do trabalho; dos problemas econômicos do trabalhador; da previdência social; da legis-

lação social; da organização sindical e dos problemas regionais, e assuntos gerais. Para estudar e dar parecer sobre esses pontos foram criadas três Comissões: Previdência Social, Estudos de Legislação Trabalhista e de Estudos Econômicos.

AS PRINCIPAIS RESOLUÇÕES

Os problemas econômicos ocuparam a principal atenção dos congressistas. A situação dos trabalhadores é de extrema penúria. As fábricas de tecidos de Pilar e de Penedo estão fechadas há mais de dois anos. Outras estão em várias condições. Nesse sentido foram aprovadas indicações para que essas fábricas venham a receber uma ajuda do Estado e do CODESA a fim de que se tornem produtivas em funcionamento. Também se discutiu muito sobre a necessidade de ser cumprido o salário mínimo na região e de uma revisão salarial imediata.

Uma das principais resoluções tomadas foi a de encampar a Cia. Força e Luz Nordeste do Brasil que, recebendo a energia da CHESF a preço barato, a distribui por preço proibitivo. O Congresso decidiu apoiar a ação do Governador e da Assembleia Legislativa no sentido da encampação, sendo criada uma ampla Comissão com-

posta de trabalhadores, estudantes, técnicos, parlamentares, para dirigir essa campanha. Decidiu-se, também, apoiar a criação de Cia. de Energia Elétrica de Alagoas, companhia estatal que vai substituir a CFLNE. Além disso, aprovou-se o apoio à CODEAL, que vai superintender o desenvolvimento econômico do Estado.

Os trabalhadores alagoanos reclamaram a aprovação das leis Orgânica da Previdência Social e de regulamentação do direito de greve, restando o substitutivo Jefferson Aguiar. Enviaram um protesto ao Ministro do Trabalho pedindo a revogação da Portaria n.º 158.

No domingo, dia 4, com o salto completamente cheio, ocorreram-se o Congresso. Foi então estabelecido que todos os Estados do Nordeste servidos pela CHESF e explorados pela Bond and Share realizem breve uma reunião conjunta para lutar pela encampação dessa empresa norte-americana.



O governador Muniz Falcão presidiu (foto) o ato de instalação do Congresso ao qual também compareceram outras altas autoridades do Estado, como o major Romalvo Rosa e Silva, representante do Comandante da Região Militar, e o dr. Murilo Mendes, secretário do govêr-

Borracha No Brasil Encolheu: De Maior Produtor Mundial Passamos a País Importador

50 anos de submissão aos trustes e de agricultura semifeudal desembocaram na situação de hoje — Esplendor e decadência da Amazônia — O monopólio estatal salvou da ruína completa — Crescimento do consumo muito maior que o da produção — Ou nova política para a borracha, ou agravamento da situação cambial do país

Para muitas pessoas é simplesmente vergonhoso que o Brasil esteja, agora, a importar borracha para seu consumo. Realmente, não merece outro qualificativo o fato de a pátria da seringueira, do país onde foram feitos os látex e o Oriente as melhores árvores que hoje nos abastecem (se esquecermos tanto em apenas 50 anos. Mas, como veremos nesta reportagem, o que ocorre é a consequência lógica de uma série de fatores, entre os quais a natureza semifeudal da indústria extrativa da borracha no Brasil e as atividades dos monopólios e trustes entre nós.

BORRACHA E AUTOMÓVEL

A primeira febre da borracha no Brasil foi provocada pelo surgimento da indústria automobilística, em fins do século passado e início deste. O nosso país era, então, o único produtor mundial da goma elástica e o aumento do consumo elevou enormemente o preço do produto. No princípio deste século, um quilo de borracha chegou a ser vendido a 30 mil reis, o que a preços de hoje representaria dois mil cruzeiros. A Amazônia — região produtora — viveu dias de fastígio. Chegou a produzir 40 mil toneladas por ano. Para que se tenha uma idéia do golpe que sofreu, passou a economia do Estado norte, basta dizer-se que hoje, quase 60 anos depois, o preço da borracha aumentou apenas para 50 ou 60 cruzeiros. Segundo o último boletim informativo da Associação de Relações Públicas do Banco de Crédito da Amazônia (Agência de São Paulo), foram as compras de borracha feita efetuadas pelo Brasil em 1958 no Banco tem o monopólio da compra da bor-

raça nacional; montaram a cerca de 25.500 toneladas, pelo preço médio de aproximadamente 45 cruzeiros o quilo. Não durou muito a prosperidade da Amazônia, depois que a seringueira foi transplantada para as colônias inglesas e holandesas da Ásia. Cultivada parcialmente ali foram produzidos apenas alguns anos para que a produção nacional se visse a ganhar a perda e o preço internacional da produção da goma consideravelmente reduzido. Hoje a produção da Indonésia é de cerca de 700 mil toneladas e a mundial eleva-se a quase dois milhões de toneladas. A produção do Brasil, que foi o único produtor mundial, diminuiu a pouco mais de 100 mil toneladas.

QUEDA E RESSURGIMENTO

Na década de 30, a produção nacional reduziu-se a cerca de 15 mil toneladas e nesse nível se manteve até que a Segunda Guerra Mundial privou-nos como de borracha. Praticamente todas as fontes do Oriente, ocupadas pelos japoneses, e as americanas, bombardeadas pelos alemães, voltaram-se para o Brasil. Foi constituído o Banco de Crédito da Borracha em caráter de governo, mantendo-se nos 100 mil acres e hectares de 1937-38.

30 mil toneladas em 1945 e a 32 mil no ano seguinte. Foi quando a guerra terminou e se estabeleceram as linhas orientais de fornecimento de borracha natural.

O PAPEL DECISIVO DO BANCO

A ausência do mercado externo e o baixo consumo interno, colocavam a Amazônia numa situação difícilíssima. Entre 1945 e 1950 foram produzidas no Brasil cerca de 120 mil toneladas, enquanto o consumo interno no mesmo período, apesar de crescente, não chegou às 100 mil toneladas. Foi nessa conjuntura que o monopólio estatal das operações — fuzis de compra e venda da borracha — constituído pelo Banco da Borracha, posteriormente transferido ao Banco da Amazônia, desempenhou um papel decisivo. De um lado, assegurou a compra da borracha produzida no país e de outro, fomentou a industrialização do produto principalmente mediante o fornecimento assegurado de matéria-prima às centenas de fábricas que foram surgindo, notadamente no Rio, em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Quando o comércio interno ultrapassou a produção nacional, incluindo uma importação complementar da borracha, continuou a intervenção estatal, também para os transportes. Tal situação perdurou até 1954 quando aboliu o monopólio estatal no exterior das fontes de importação. Entretanto, lançou também uma campanha de aumento de produção de seringueira da Amazônia para a substituição do monopólio estatal na comercialização da produção nacional. Esta campanha tem um dos seus mais altos destaques no governador Mendonça que se tornou uma espécie de porta-voz dos grandes empresários amazônenses, líderes de empresas que não querem ser confundidas com o velho comércio que sobrevive à borracha.

Porém, não é possível a campanha que os seringueiros amazônenses podem fazer com a abolição do monopólio. Evidentemente, sendo ao por cento da borracha produzida pelos cinco trustes de produtores, dentro de pouco tempo os seringueiros estarão fustigados pelas forças do monopólio e controlados pelos trustes, como já são em outras partes do mundo e aqui também. Assim, a situação dos produtores de borracha é, convenientemente, que não é impossível a repetição da conjuntura do monopólio, quando foi precisamente o monopólio estatal que salvou da ruína a indústria nacional.

CRESCIMENTO DO CONSUMO

O aumento do consumo de borracha natural no Brasil, em 1958, foi de 32 mil toneladas, enquanto a produção do país a mesma medida, foi de 25 mil toneladas. Isso quer dizer que há um déficit de 7 mil toneladas. A produção nacional, em 1958, foi de 25 mil toneladas, enquanto a produção do Brasil, em 1958, foi de 25 mil toneladas. Isso quer dizer que há um déficit de 7 mil toneladas.

E a tendência de aumento do consumo interno e externa, com a forte solicitação da indústria automobilística. No trabalho publicado pelo órgão de planejamento do governo, em 1958, intitulada "Revisão da Política Econômica do Brasil", o economista Moisés Passos apresenta a seguinte previsão dos consumos de borracha no Brasil, estimativa feita a base de estudos repetidos de outros anos.

Ano	Consumo (em mil t)
1960	61
1961	70
1962	80
1963	93
1964	102
1965	112
1970	150

De fato, o consumo tem ultrapassado esta previsão. Assim, para o ano em curso, já há falta em fins de ano, de cerca de 10 mil toneladas, de acordo com o levantamento feito pelo órgão de planejamento. Este ano, portanto, o consumo previsto foi de 62 mil toneladas, enquanto a produção nacional foi de 52 mil toneladas.

De qualquer modo, tais números mostram que a produção nacional é absolutamente insuficiente e que uma solução de longo prazo para o problema tem que cogitar fundamentalmente do fomento à seringueira no país.

AINDA SEM SOLUÇÃO

Uma seringueira pode dar, convenientemente, explorada, 4 quilos de borracha por ano, pouco mais. Entretanto, nas condições da Amazônia, onde os seringueiros são nativos, dispersos pela floresta, um seringueiro, via de regra, não pode produzir mais de umas poucas dúzias de toneladas por ano. De todo o país, portanto, não há um aumento da produção, de zona elástica na

Amazônia, após de suprir as necessidades internas, tanto mais quanto um dos principais problemas da economia amazônica é precisamente a escassez de mão-de-obra. A solução para isso é de se mediante o plano nacional de seringueiras, que possibilita a um só homem cuidar até de mais de 500 árvores (Indonésia, Malásia, Ceilão) e realizando a produtividade produzida com facilidade o produto de 1958.

No Brasil, por decreto baixado em 1957 (Decreto 30.694), as indústrias de artefatos, sã brigadas a inventar 20 por cento dos seus lucros líquidos em favor do seringueiro de látex. Todavia, tal disposição jamais foi cumprida.

E o que existe de seringueira natural e sã, ainda muito pouco. Algumas plantações, próximas a Belém do Pará e cerca de 45 milhões de árvores em Uru, na Bahia, que produzem látex líquido. Além disso, em São Paulo estão surgindo algumas plantações, mas ainda em estado de infância e não se encontram em zona temperada — para se fazer produções sobre a produtividade. No plano de desenvolvimento econômico de São Paulo a Secretaria da Agricultura proje-



Um dos fatores que explicam a decadência da indústria extrativa da borracha são os métodos primitivos que ainda hoje permanecem os mesmos de fins do século passado. Aí vemos um seringueiro "cozinhando" a borracha, depois da extração do látex.

NOVA POLÍTICA

Concluindo estas notas diremos que embora tenhamos de continuar importando o produto durante alguns anos, uma seringueira precisa de dez anos e mais para começar a produzir, não existe outra solução senão o plantio racional. Mas, isso, dificilmente será levado à prática com a existência de uma Comissão Executiva de Defesa da Borracha, cuja política é tão liberal em relação aos trusts estrangeiros, que deixariam de fazer os melhores negócios de hoje se produzíssemos no mesmo a borracha que consumimos.

Concluindo estas notas diremos que embora tenhamos de continuar importando o produto durante alguns anos, uma seringueira precisa de dez anos e mais para começar a produzir, não existe outra solução senão o plantio racional. Mas, isso, dificilmente será levado à prática com a existência de uma Comissão Executiva de Defesa da Borracha, cuja política é tão liberal em relação aos trusts estrangeiros, que deixariam de fazer os melhores negócios de hoje se produzíssemos no mesmo a borracha que consumimos.

Nacionalistas de São Paulo Realizarão Congresso De Unificação: Apoio a Lott

SÃO PAULO — Da imprensa local — A Frente Nacionalista de São Paulo vem intensificando suas atividades com o objetivo de incrementar a organização das diversas correntes nacionalistas e lançar um debate unitário ao seu programa e à sua atuação nas eleições presidenciais.

CONGRESSO ESTADUAL E PLANIFICAÇÃO

Truado em vista ampliar as atividades e o campo de trabalho da Frente, uma de suas reuniões, realizadas no Conselho Diretor, debaterá as propostas de trabalho para o próximo dia 16 de novembro, em local a ser designado, um grande congresso de unificação de todos os movimentos nacionalistas do Estado de São Paulo. A ordem do dia do congresso terá sobre os seguintes pontos: programa e objetivos da Frente Nacionalista de São Paulo; a situação da Frente Nacionalista de São Paulo; a situação da Frente Nacionalista de São Paulo; a situação da Frente Nacionalista de São Paulo.

do Interior, informações, propaganda e lutas; b) fazer uma publicação semanal de caráter doutrinário e informativo e, também, divulgar suas atividades pela imprensa, rádio e televisão; c) atender a solicitações; a Frente ordena sua sede para a realização do Congresso da Dissidência Socialista; d) a Frente solicita a todas as organizações nacionalistas da Capital e do Interior que se uniram, com urgência, pessoalmente ou por via postal, pelo telefone 33-3896, a sede central (Parque do Colegiado), a fim de receber instruções sobre a sua estrutura regular para o devido entrosamento na organização, de acordo com os Estatutos; e) a Frente deliberou, por último conferência, o título de seu honorário ao marechal Teixeira Lott, por suas conquistas nacionalistas e pela atenção com que a distinguiram, com merecimento a inauguração de sua sede.

Organizado, dos quadros de um grupo político, voltado para a tradicional "Praça da República", em sua sede, o Comitê Nacionalista, Marcial Lott, coordenando o novo a partir da campanha, recebendo adesões e contribuições de membros para a formação de núcleos locais.

Seus idealizadores e membros do seu Conselho Diretor são destacados líderes nacionalistas entre os quais, os deputados Dagoberto Salles, Campos Vergil, Nelson Omega, Miguel Lemos e Salvador Romão, Lemos, Sr. Abubar Bastos, Rogé Ferreira, Wilson Bahia.

NOTA ECONÔMICA

UM NOVO ROMBO NO MONOPÓLIO ESTATAL

Alguns jornais, especialmente "O Dia" e "O Estado de São Paulo", vêm publicando insistentes matérias pelas refinarias particulares de petróleo, onde se encontra uma situação de necessidade de ampliação da capacidade de refinamento das empresas. Essa campanha de imprensa coincide com informações de que o Conselho Nacional do Petróleo se aproxima para aprovar uma nova legislação da Lei 2.004, que criou a Petrobras e criou um teto definitivo para a produção de cada uma das refinarias particulares em funcionamento, ao ser publicada a Lei.

Essa legislação, como se sabe, seguiu-se à Instrução 180 da mesma SUMOC, que, violando o dispositivo da Lei 1.807, visou transferir para o comércio livre a coleta das exportações de uma série de produtos brasileiros. Para dar uma aparência neutra à sua medida, entretanto, a SUMOC determinou, numa Instrução imediatamente posterior, foram ambas assinadas no mesmo dia, a transferência para o mesmo âmbito das despesas com fretes e seguros das importações e do frete e seguro de petróleo que foram as importações de óleo combustível em navios pertencentes à Petrobras, os fretados por uma empresa.

Essa legislação, como se sabe, seguiu-se à Instrução 180 da mesma SUMOC, que, violando o dispositivo da Lei 1.807, visou transferir para o comércio livre a coleta das exportações de uma série de produtos brasileiros. Para dar uma aparência neutra à sua medida, entretanto, a SUMOC determinou, numa Instrução imediatamente posterior, foram ambas assinadas no mesmo dia, a transferência para o mesmo âmbito das despesas com fretes e seguros das importações e do frete e seguro de petróleo que foram as importações de óleo combustível em navios pertencentes à Petrobras, os fretados por uma empresa.

Renato Arena

NA LUTA CONTRA O TRUSTE

O Povo Inventa Iluminação

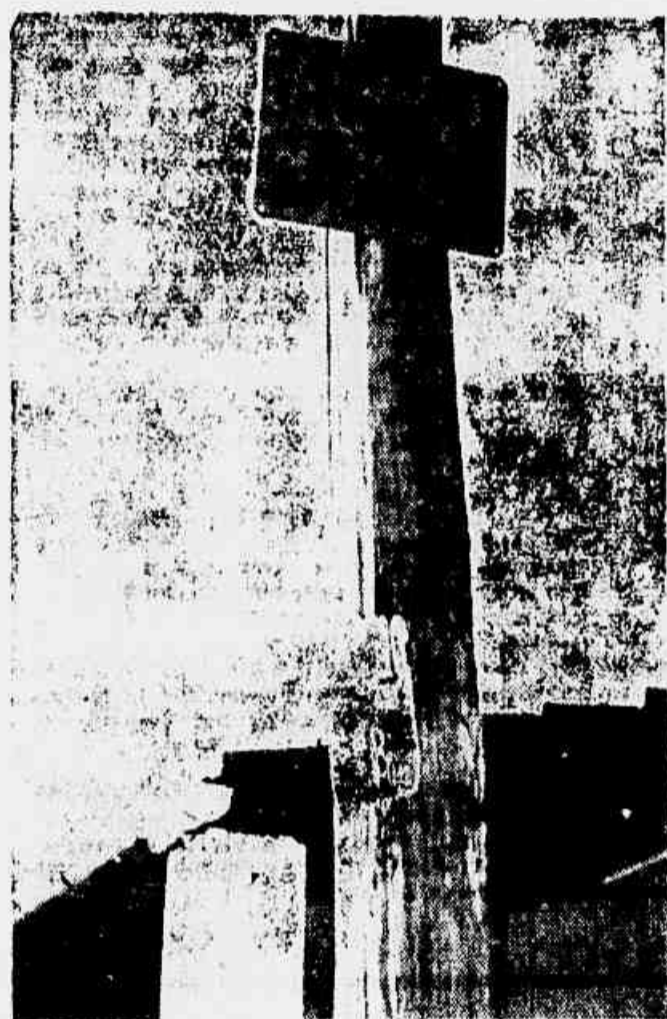


Um das táboas de caixão de querosene, do homem pobre. Não gasta energia um gramofone antigo, um "baixo falante" e só. Al temos uma "eletrola" secas. E mais econômica do que o "transistor"

Sem Poste Sem Fio Sem Nada

Uma Experiência dos Homens Pobres dos Subúrbios do Recife — Rádio e «Eletrola» Feitos de Caixa de Querosene — O Primitivo «Rádio Galena» de Branly Foi Aperfeiçoado Pelo Recifeense.

Reportagem de CLODOMIR MORAIS



O «TRUSTS» THROU' A MASCARA e agora resolve entrar no nosso desenvolvimento sem subterfúgios. Exige que o povo, que ele tanto explorou, custeie, às suas expensas, a iluminação de que necessita. E' a maneira mais descarada de exploração. E' uma forma de enriquecer patrimônio sem investir dinheiro algum, a um só tempo que põe obstáculos à industrialização e o bem-estar coletivo. O homem pobre do Recife, o homem do morro e do mangue, em represália a essa odiosa atitude da Pernambuco Tramways, de há muito vem obtendo energia elétrica sem recorrer a essa subsidiária da Bond and Share. E' o «baixo-falante» que deve entrar na história dos que resistem à exploração dos monopólios internacionais.

«Quem não tem cachorro caça com gato. Já que a Tramways exige que os moradores paguem os postes, os fios e os isoladores para colocar luz nessas ruas da Zona dos Peixinhos o povo é obrigado a tomar novas providências. Ninguém é rico para comprar postes. Com o dinheiro de três postes a gente pode construir um mocambo para três cristãos morar. Os moradores daquela rua cheia de bangalês modernos gastaram mais de cinquenta contos de réis com a iluminação. Mas nós não podemos fazer isso, primeiro porque não temos dinheiro e segundo porque é um desastre».

E lá lá Joaquim Hebeiro de Lima desfiando um rosário de argumentos para justificar a represália feita pelos seus vizinhos contra a exigência da Pernambuco Tramways.

E' um nascimento de maré cheia. Mas mudou de profissão. Quando viu todo mundo lutando para conseguir um bico de luz, resolveu aprender o fabrico do «baixo-falante». Aprendeu-o com o mestre Hermenegildo, do Morro da Foice, que há mais de dez anos vive e fabrica o rádio primitivo. Com dez minutos de explicação ele entendeu tudo, uma antena de quarenta metros, uma bobina de vinte metros de fios...

bina de vinte metros de fios, um cristal de galena, um fio de papelão, um fio de ferro e só. Estava feito o rádio primitivo. Dentro do perímetro urbano do Recife existem, segundo estimativa do DCT do IBGE, mais de quinze mil aparelhos desse tipo. E' o «galena» o detector de ondas hertzianas inventado pelo físico francês Branly. Quase todo mundo, no morro ou no mangue, gente pobre enfim, tem o seu rádio galena que em Pernambuco recebeu o nome de «baixo-falante».

DE «BAIXO» SO O NOME

Na começa o modesto aparelho era ouvido com auxílio de fones. Mas, depois, o homem do morro o aperfeiçoou. Em lugar do fone que custa quase mil cruzeiros, adaptou um projetor de som feito de papelão fino. Feito em casa com qualquer dois mil réis. A coisa deu certo e o «baixo-falante», hoje em dia dá trabalho aos ouvidos dos vizinhos. Serve até para a garizada dançar. De «baixo» mesmo só o nome. E lá fomos surgindo outros aperfeiçoamentos.

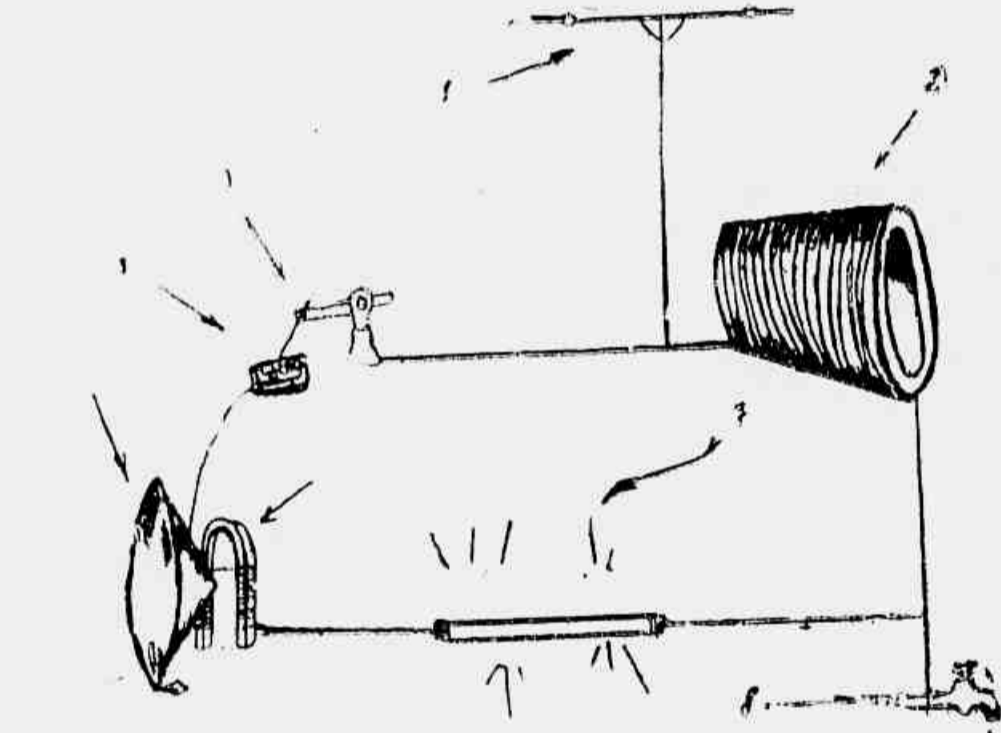
A RADIO-ONDA

O «baixo-falante» dispensa energia elétrica. E' auto-suficiente. Ele usa uma energia que as próprias estações de rádio emitem. E' a radio-onda. Uma estação de rádio de cinco quilovatts emite radio-onda a distância de trinta quilômetros. Uma lâmpada fluorescente pode se acender na mão de uma pessoa que se achar debaixo da torre de uma estação de rádio potente. E' a radio-onda. Para ter musica dentro do mocambo, o recifeense não precisa da energia elétrica distribuída pela Pernambuco Tramway. O «baixo-falante» funciona com por cento. A iniciativa popular levou a criar belissimos móveis para o «baixo-falante» de tal modo que ninguém facilmente pode distinguir um rádio comum do «baixo-falante». Daí por que a ex-governadora Agamenon Magalhães cometeu um lamentável equívoco negando a licença de certos tributos aos moradores de mocambos pelo fato de ter visto na maioria deles aparelhos de rádio. Era o «baixo-falante» que não chega a custar trezentos cruzeiros e que qualquer menino o pode fabricar. O custo de produção não chega mesmo a cem cruzeiros.

LUZ NOS MORROS

Mas o espírito criador do homem pobre não parou aí. Outros aperfeiçoamentos surgiram. Alguns, em 1946, resolveu meter uma lâmpada fluorescente entre o projetor de som e o fio de terra. Foi um sucesso! Luz pra homem nenhum botar defeito. Logo se espalhou por toda a região pobre do Recife o novo aperfeiçoamento e as trevas foram expulsas dos mocambos, independentemente das exigências da Tramways. Desde dia em diante as imagens de São Jorge passaram a ser iluminadas. Outro homem do povo mais curioso fez uma nova experiência: aumentou a antena para oitenta metros; colocou mais duas bobinas no

capetelão de Branly e no lugar da lâmpada fluorescente instalou o ferro de engomar. As bobinas fumegaram e quase se fundiram. Substituídas por bobinas de fios mais grossos, a experiência foi coroada de êxito. Logo mais, emita calor. E a população que se ergue dos morros e dos mangues do Recife se apresentava como uma floresta de varapaus de bambu. São as antenas do rádio do pobre. As fontes de energia elétrica dos miseráveis, porque da mesma forma que Deus dá o frio conforme o cobertor, quem não tem cachorro caça com gato. conclui Joaquim Ribeiro de Lima.



O BAIXO FALANTE

- 1 — antena de quarenta metros; 2 — pequena bobina de vinte metros de fio (soldada) para cinco ampères; 3 — agulha de contato com o cristal de galena; 4 — cristal de galena; 5 — cone de papelão fino que serve de alto-falante; 6 — imã permanente destinado a atrair maior volume de radio-onda; 7 — lâmpada fluorescente; 8 — fio de terra que se pode ligar em uma torneira.

O TETO GENNYSON AZEVEDO

Há um provérbio que diz: «Quem casa quer casa para sair da casa onde se casa», querendo exprimir que a intimidade do casamento deve ser partilhada apenas pelo casal e os descendentes. Nos dias atribulados da atualidade cada vez mais o lar vai se tornando uma utopia sem permissão a custo de muito sacrifício. A grande maioria da população trabalhadora. Este sonho de todos os casais serviu de tema para O Teto (del tecto), realizado por Vittorio de Sica, numa volta ao neo-realismo a tanto tempo ausente da produção italiana. O Teto é como outros filmes de De Sica direto, sério e poético. O autor não abdica do direito de mostrar a realidade da pobreza embora isto seja desagradável para muita gente. O que não quer dizer, no entanto, que estejamos diante de uma tragédia ou de um drama lacrimogênico. A história de O Teto, escrita por Cesare Zavattini, possui humor e humanidade alienando-se com o problema central que é a falta de moradia. Luiza

(Gabriella Pallotta) e Natal (Giuseppe Luzzi) depois de casados são obrigados a viver com seus parentes mais próximos, o que os leva a não ter o direito de experimentar alguns momentos de intimidade. Daí a saírem de casa para procurar uma nova moradia é um passo. As preocupações aumentam com a impossibilidade de encontrar um local acessível aos poucos recursos disponíveis. A solução é construir em uma noite, um barracão na favela, oculos pelo véu negro das trevas. Os problemas surgem a cada momento mas o amor, a solidariedade, a coragem de Luiza, Natal e seus amigos saíram vencedores. De Sica e Zavattini, colaboradores desde há muitos anos, conseguiram manter viva a chama do neo-realismo no conjunto de sua obra, onde avultam filmes como: Ladrões de Bicicletas, Milagre em Milão, Humberto D, e agora «O Teto». Para manter a continuidade desta colaboração, sem concessões ao comércio (Continua na 8ª página)

Mato-Grosso: 11 Mil Famílias De Colonos Ameaçadas De Despejo

Quarenta e cinco famílias de colonos, incluindo mais de 200 crianças, foram despejadas da Colônia Agrícola de Dourados, no Estado de Mato Grosso, onde há mais de cinco anos vinham cultivando café e outros produtos agrícolas. O fato abre precedente para o despejo de mais de 11 mil famílias, ameaçadas de sofrer as mesmas violências.

O ato de injustiça cometido pelas autoridades locais deixou ao desamparo e completamente desahugiadas as famílias dos lavradores, que sem ter para onde ir, perambulam pela cidade enquanto aguardam a reintegração nas terras da Colônia.

COMISSÃO COM LOTT

Uma comissão, tendo à frente o sr. José dos Santos Carneiras, secretário da Associação dos Lavradores de Dourados, e o vereador José Ferreira Nascimento, veio ao Rio e aqui se avistaram com o marechal Teixeira Lott e com outras autoridades, a quem relatou os acontecimentos e solicitou providências destinadas a fazer cumprir a Lei 3059, de 142 H, que criou a Colônia Agrícola de Dourados.

VENDERAM O QUE ERA DOS COLONOS

A área de 300 mil hectares destinada à colonização, foi ocupada pelos colonos em 1954. O administrador, dr. Tácito Paes, demarcou, protocolou e entregou as terras aos colonos, que deram início ao plantio de café e construíram melhorias.

veira foi um dos que conseguiram se apossar das terras da Colônia. De posse das terras, vendeu-as ao sr. Luis Massuda. Esse título foi expedido em 25 de novembro de 1948, ou seja, oito anos depois da criação da Colônia.

Desde então, o sr. Luis Massuda começou a investir contra os colonos, tentando desalojá-los. A administração da Colônia, embora estando de posse de um documento pelo qual o sr. Massuda se compromete a receber terras em outra localidade, não tomou as providências que o caso requeria. Por fim, através de recurso judiciário, conseguiu o sr. Massuda uma ordem de despejo contra as 45 famílias de colonos, que foram despejadas de suas terras, sem que tivessem ao menos o direito de defesa.

AMEAÇADAS 11 MIL FAMILIAS

A violência de que foram vítimas as famílias da Colônia Agrícola de Dourados, ameaça a mais de 11 mil famílias que se encontram em situação mais ou menos idêntica. Pois a maioria das terras destinadas à colonização e ocupadas pelos colonos foi legalmente concedida a grandes fazendeiros.

O QUE QUEREM OS COLONOS

A comissão que vem à Capital da República para renunciar esse fato e pedir providências às autoridades, exige que seja cumprida a Lei Estadual que autoriza o Governo a permutar terras de terceiros que caírem dentro dos limites do núcleo Colonial de Dourados.

O objetivo principal da comissão, entretanto, foi demonstrar às autoridades federais, que, enquanto não foram concedidos os títulos de propriedade aos colonos, continuava a insegurança dentro da Colônia Federal e os constantes atritos que poderão evoluir para um movimento coletivo de consequências imprevisíveis.

Cuba De Fidel Castro Vista Por Um Americano

A Economia Da Revolução Cubana

VICTOR PERLO

Victor Perlo é um destacado economista norte-americano, autor de «American Imperialism» e «The Empire of High Finance» (O Império da Alta Finança). Membro da «American Economic Association», Perlo publicou vários artigos na «American Economic Review», conceituada publicação Internacional de economia.

Tendo visitado recentemente Cuba, Victor Perlo publicou na «The Gazette and Daily», de Pennsylvania, uma série de três artigos (publicada também em «Noticias de Hoy», diário cubano) em que expõe, do ponto de vista do economista especializado, suas impressões sobre o curso da revolução cubana. Apresentamos, hoje, o primeiro desses artigos, como início da série.

Havana é uma bela cidade. Seus habitantes sabem fazer o visitante norte-americano sentir-se como em sua própria casa, rodeado de uma amizade calorosa e sincera, conforme pude constatar numa recente e curta viagem que fiz à capital cubana. Apesar da opressão das companhias norte-americanas, do apoio de Washington aos ditadores e das habituais calúnias publicadas em alguns jornais dos Estados Unidos, o povo cubano sabe distinguir cuidadosamente entre aqueles que o defendem e o povo norte-americano.

Esse enérgico e capaz povo cubano enfrenta difíceis problemas econômicos. Em seus passos iniciais — redução de 50% nos aluguéis pagos pelos trabalhadores, diminuição de alguns preços, abertura de praias para o povo de Havana — essa revolução demonstra que se esforça para resolvê-los em benefício do povo. Seus líderes mantêm, nesse sentido, uma política lógica, mas tropeçam em sérios conflitos políticos nacionais e internacionais. Nós, os norte-americanos, queremos ou não, influiremos no resultado com nossas atitudes e ações.

Os problemas que afloram à superfície são: 1) Balanço reduzido de ouro e dólares, em consequência das exportações de capital feitas por Batista e seus cúmplices. — 2) Desemprego crônico em massa, cujo montante Fidel Castro estima ser de 700.000, isto é, um terço da força de trabalho. — 3) Pobreza expressa pela renda per capita equivalente a um terço da do Mississippi, numa economia a par com o dólar, com mercadorias vendidas aos mesmos preços, ou maiores, que nos Estados Unidos.

Sob a superfície, os problemas são: 1) economia de monocultura. — 2) propriedades estrangeiras, em parte heranças do colonialismo espanhol e poradas pelos libertadores norte-americanos.

As soluções propostas pelos líderes cubanos são: criação de uma indústria diversificada de propriedade cubana; grande expansão da produção agrícola através de cooperativas e pequenos proprietários rurais; supervisão das atividades das corporações estrangeiras e dos grandes latifundiários.

McKinley interveio em Cuba em 1898, quando as forças cubanas que lutavam pela independência do país já iam bem adiantadas no cami-

nho da vitória. A ocupação militar norte-americana continuou até 1909. Washington ditou as normas constitucionais de Cuba e selecionou as autoridades políticas cubanas, reservando-se o direito de intervenção mediante a Emenda Platt até 1934, e, ainda hoje, mantém uma base naval em Cuanamá.

Essa espécie de libertação abriu muitas portas aos interesses dos homens de negócios norte-americanos. Os banqueiros de Wall Street e do truste de açúcar apoderaram-se de grandes extensões de terra, multiplicaram seus campos de cana de açúcar e converteram Cuba num país de monocultura. De acordo com um informe do próprio governo dos Estados Unidos: «A expansão para o Leste da indústria açucareira no primeiro quarto do século atual levou a uma destruição impiedosa dos... bosques». Tendo-se bastado a si própria, anteriormente, em produtos alimentícios, Cuba agora se vê obrigada a importar 30% de sua alimentação, que inclui, aproximadamente, metade do consumo da classe pobre.

As inversões americanas, além do açúcar, estão colocadas principalmente em bancos, terras e serviços públicos, dedicando apenas uma quantidade muito pequena à indústria leve. A política dos Estados Unidos beneficiou os proprietários de terras e importadores cubanos, que invertem seus lucros em propriedades imóveis e no comércio, em vez de em indústrias. Em virtude disso, não existe no país indústria de base, havendo apenas uma indústria leve inadequada.

Em Cuba refina-se apenas 10% do açúcar que se exporta. Isso custou a Cuba 147 milhões de dólares em divisas estrangeiras durante 1957, isto é, 18% de sua receita total por exportação.

Obrigando Cuba a depender do seu açúcar, o governo dos Estados Unidos rebaiou a sua participação no mercado açucareiro norte-americano, mediante cotas que, de 55% em 1920, foram reduzidas para 33% em 1959.

Dois terços do total das exportações de Cuba vão para os Estados Unidos que, por sua vez, fornecem três quartos das importações de Cuba. As companhias norte-americanas possuem 36% da produção açucareira cubana; todas as comunicações telefônicas e telegráficas e a distribuição de energia elétrica, metade das ferrovias, cerca de um terço dos negócios bancários e a maior parte das minas estão nas mãos dos norte-americanos, que também participam em grande escala na indústria manufatureira. Cuba ocupa o terceiro lugar entre os países da América Latina quanto às inversões privadas norte-

americanas e o segundo, depois da Venezuela, no comércio e inversões per capita.

Os norte-americanos que dirigem as companhias que dominaram a economia de Cuba são personagens politicamente decisivos. Os principais bancos de Cuba, que se estabeleceram no país praticamente no mos Rough Riders, são o First National City e o Chase Manhattan — banco de Rockefeller. As companhias açucareiras foram financiadas por esses bancos, mantêm estreitas relações com eles e, não raro, seus donos são sócios desses bancos.

A maior dessas companhias é a Cuban Atlantic Sugar Co., que manipula 8 a 9% do açúcar cubano, mesmo depois de ter vendido as propriedades de Hershey ao magnata Júlio Lôbo, em 1958. A firma Carl M. Loeb, Rhoades & Co., de Wall Street, possui a maioria das ações. O chocolate de Hershey e os interesses de Rockefeller mantêm considerável influência. Entre seus diretores figura Stuart N. Scott, advogado de Rockefeller no escritório de advocacia de Tom Dewey e, atuando como agente, o Chase Manhattan Bank.

A Punta Alegre Sugar Company, também muito destacada em Cuba, é uma empresa exclusiva de Rockefeller, com o próprio David Rockefeller em sua junta diretora. Essa família domina também a South Porto Rico Sugar Company que, apesar do seu nome, é a principal produtora de açúcar da República Dominicana do ditador Trujillo.

As Companhias Rienda ocupam o segundo lugar na lista dos interesses açucareiros em Cuba correspondendo-lhe 6% da moagem total. Seus principais acionistas são da família Biaga Rienda, cidadãos norte-americanos de origem espanhola, alguns dos quais também fazem plantações em Cuba. Intimamente associados a essas companhias estão o escritório de advocacia Dulles Brothers (irmãos Dulles), Sullivan e Cromwell, e o Schroeder Trust Company, com notórias ligações inglesas e alemãs de que tanto se falou durante o período de Hitler. Os Avery Rockefeller da família Stillman-Rockefeller, que possui a maioria das ações do First National City Bank, ocupam um lugar importante na Schroeder Trust Company.

Os dois grupos principais de companhias açucareiras norte-americanas estão ligados entre si por Lawrence A. Crosby, cabeça executiva há mais de 20 anos da Cuban Atlantic. Durante dez anos desse período, Crosby foi, ao mesmo tempo, sócio de Sullivan and Cromwell, que representavam as companhias rivais de Rienda. Os Rockefeller e Dulles são líderes bem conhe-

cidos do Partido Republicano, enquanto que seu homem, Crosby, é o melhor colaborador dos Democratas.

Os gigantescos monopólios internacionais American Sugar Refining e United Fruit possuem também consideráveis propriedades em Cuba. Os interesses de Lehman and Astor dirigem a Vertientes Samagüey Sugar. Uma variedade de grupos financeiros e industriais domina os outros, com a influência centralizadora dos dois principais bancos açucareiros que é evidente em toda parte.

O metal mais importante em Cuba, atualmente, é o níquel, cuja procura aumentou em virtude da indústria de armamentos. As minas pertencem à Freeport Sulphur Company e ao governo dos Estados Unidos.

A Freeport Sulphur é controlada por John Hay Whitney, embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra. Esse herdeiro da Standard Oil é um velho associado econômico e político dos Rockefeller. A National Lead Co., em estreita colaboração com o Chase Manhattan Bank, opera nas minas do governo dos Estados Unidos.

A Cuban Electric, a maior empresa da ilha, é uma subsidiária da American and Foreign Power, filiada aos interesses bancários Morgan and Lehman. O sistema telefônico está nas mãos da International Telephone and Telegraph Corp., controlado pelo First National City Bank e J. P. Morgan and Co.

O Departamento de Comércio dos Estados Unidos, representante desses interesses financeiros, denunciou as táticas operárias em Cuba e elogiou as medidas contra a unidade sindical tomadas pela ditadura de Batista. O nível de vida baixou e os sicários de Batista impuseram um regime corrompido nos sindicatos. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos representando esses mesmos interesses, forneceu armamento a Batista, e outras agências norte-americanas dedicaram-se à perseguição dos revolucionários cubanos.

As companhias norte-americanas mantiveram estreitas relações de cooperação com as famílias latifundiárias e importadoras, que representam as classes reacionárias. Os acionistas cubanos foram muito bem recebidos nas firmas norte-americanas e os aristocratas de Cuba foram favorecidos com o ingresso nas juntas diretoras de empresas norte-americanas estabelecidas em Cuba.

O atual governo cubano, mais que nenhum de seus predecessores, subiu ao poder em aberta oposição a esse grupo aristocrático e endinheirado, iniciando uma obra de governo com absoluta independência em relação a eles. Não é de se estranhar, portanto, que conte com o total apoio do povo cubano nas firmes e dignas relações que mantém com o governo norte-americano e os interesses financeiros dos Estados Unidos.

A permanência do governo revolucionário está sujeita à solução de problemas econômicos muito sérios. No próximo artigo trataremos dos que se relacionam com o desenvolvimento agrícola e industrial de Cuba.

A Lua e Sua Superfície

K. PORTSHÉVSKI — (Astrônomo Soviético)

O caminho percorrido pela lua e pela humanidade em direção à Lua é um notável e histórico feito, complexo e difícil, embora a Lua seja o corpo sideral mais próximo da Terra.

Observações astronômicas que se prolongaram por muitos anos forneceram grande cópia de dados a respeito do satélite natural da Terra. A Lua se move em torno da Terra percorrendo ampla curva — uma elipse. A distância média entre nosso planeta e a Lua é de 384.386 km, variando de pouco com o movimento orbital até 118.406.676 km no apogeu (maior afastamento) e 356.400 km no perigeu (distância mais curta). Numa locomotiva moderna a distância que nos separa da Lua seria coberta em cerca de 1 ano; no avião a jato soviético TU-104 — em 480 horas (20 dias), e no foguete em algumas dezenas de horas.

O diâmetro da Lua é de 3.476 km, isto é, um pouco menos da distância entre Moscou e Alma-Ata. Sua superfície é 14 vezes menor do que a da Terra, isto é, 37.965.500 km quadrados — um pouco menor do que a da Ásia. Na Lua o raio do horizonte é também menor do que em nosso planeta. Neste o homem vê em superfície plana, a uma distância de 5 km, e na Lua apenas a 2,5 km. O volume da Lua é 50 vezes menor do que o da Terra, isto é, 2.210.200.000 km cúbicos.

A massa da Lua é quase 81 vezes menor do que a da Terra. Sua densidade média equivale a 0,6 da densidade da Terra.

27 dias, 7 horas, 43 minutos e 11,47 segundos, percorrendo um caminho de 2.414.000 km, isto é, a velocidade média da Lua ultrapassa 1 km por segundo, e durante uma hora vence a distância de 3.680 km.

Sómente um lado da Lua se acha voltado para nós e por isso só vemos metade de sua superfície, mas, em virtude da liberação de nosso satélite natural, podemos ver 0,59 de sua superfície. Na superfície visível da Lua distinguem-se os mares, que são extensas planícies escavas, vistas a olho nu e montanhas circulares, crateras, cordilheiras, fendas e raios luminosos.

Nos mares da Lua não há uma gota d'água. São imensas baixadas, sem relevo perceptível. Os telescópios modernos nos permitem observar minúsculas montanhas de até 50 metros. Os mares ocupam 20% do hemisfério voltado para nós. A área do mar das Chuvas, por exemplo, é de 174.000 km quadrados, isto é, três vezes maior do que o Mar de Aral.

As vertentes exteriores das crateras são em pendente suave, com declive até 7 graus, no passo que as interiores são bastante abruptas, até 25 graus. O fundo de quase toda cratera está abastecido da localidade adjacente. O cone mais elevado da Lua nas montanhas Leibnitz, pelo sul — tem a altura de 9 km. A cadeia de montanhas mais comprida — os Apenninos da Lua — chega a 700 km. Os Alpes da Lua estendem-se por 465 km e uma largura de cerca de 250 km. Há também o Cáucaso, entre os Alpes e os Apenninos, que separa os mares da Serenidade e das Chuvas.

As fendas da Lua comumente têm um comprimento de algumas dezenas de km, largura de 1 a 2 km e profundidade de centenas de metros. Os raios luminosos estendem-se por centenas e milhares de km. Os raios provenientes da cratera Pacifico

se estendem por 1.800 km e por 600 km os raios provenientes da cratera Copernico. É ainda difícil dizer o que sejam os raios; presume-se que sejam cinza vulcânica. A superfície da Lua reflete muito pouca luz. A luz da Lua é 500 mil vezes mais fraca do que a luz do Sol.

Colocados na Lua a bordo de um veículo para nós o mesmo aspecto que nos apresenta aqui na Terra, apenas com a diferença de que também de dia veremos os planetas as constelações e as estrelas.

O Sol na Lua lentamente se eleva do horizonte, também lentamente surgem as estrelas e no céu há uma Terra e o mar, porque a uma face da Lua está voltado para nós. Na outra face do nosso planeta escuro no céu se veem todos os lugares, os quais vemos na Terra, no centro do disco lunar. Para que fosse possível ver nosso planeta de alguns lugares da superfície lunar, eles se encontram no lado oposto da Terra, os quais que percorrer um caminho de cerca de 2.000 quilômetros.

Temos agora, na superfície da Lua, o foguete soviético que para ali transporta um galhardete com as insignias do Estado Soviético. Para chegar à Lua, tivemos que resolver problemas bastante difíceis, a fim de vencermos a força de gravidade da Terra. Após os trabalhos do sábio inglês Isaac Newton, que descobriu a lei da gravitação universal, pôde-se calcular a velocidade inicial para se vencer a força de gravidade da Terra. Para isso foi à Lua essa velocidade deveria equivaler a 11,2 quilômetros por segundo.

Não bastava porém, possuir apenas esses dados. Fazia-se mister resolver o problema do movimento de um corpo no espaço cósmico. Era necessário encontrar os meios de alcançar a velocidade

de velocidade. O passo inicial para essas pesquisas foi dado pelo grande sábio russo K. E. Tsiolkovski, fundador da dinâmica dos foguetes e da astronáutica, isto é, ciência do movimento dos engenhos à reação e dos vãos no espaço sideral. K. E. Tsiolkovski formulou as leis básicas da astronáutica e inventou um motor para os foguetes cósmicos — motor a combustível líquido — demonstrando que, montado em foguetes de muitas fases, poderia desenvolver as velocidades necessárias aos vãos cósmicos.

O movimento livre dos corpos no campo de gravitação da Terra ou de qualquer outro corpo celeste pode ser feito em circunferência, elipse, parábola ou hipérbola. Para se obrigar um corpo a mover-se segundo trajetória parabólica — como o foguete cósmico — foi necessário trabalhar muito. Esse trabalho equivale a 6.378.000 quilômetros por quilô de peso de voo do foguete, ou a elevação de uma carga no campo imitável de gravitação da Terra à grandeza de seu raio, igual a 6.378 quilômetros. Na realidade, porém, o gasto de trabalho do foguete em voo deve ser ainda maior, se considerarmos a necessidade de superar a resistência oposta pela atmosfera e outras inevitáveis perdas de energia. Do ponto de vista do colitimo do combustível, é indispensável estabelecer o voo de tal maneira que a velocidade necessária seja alcançada no tempo menor possível.

Para o voo à Lua é preciso levar em conta o campo de gravitação da Terra e no raio da esfera de ação da Lua — 66.000 quilômetros — gravitação da Lua. Aqui a ação perturbadora da Lua representa papel fundamental. Quando o foguete se aproxima da Lua, esta exerce a maior influência sobre sua órbita quando a Lua e o foguete encontram a Terra em um só sentido.

O MUNDO QUE EU VI

LENINGRADO

ENEIDA

Na URSS pou-se ir de uma cidade à outra de várias formas: fui para Leningrado de trem, um confortável trem, sem dúvida, mas que jogava mais do que um calhambeque do Lloyd Brasileiro. Leningrado, sendo uma das mais belas cidades do mundo, vale qualquer sacrifício. É uma cidade-museu. Tudo ali se mistura, passado e presente, se misturam e se impõem, porque no suntuoso dos tempos idos há, sem choques, o suntuoso dos tempos atuais. Como em Moscou, tudo em Leningrado é suntuosamente exagerado. A diferença parece simples nas custas uma revolução: o suntuoso de antigamente era de poucos, hoje o suntuoso é de todos.

Um ônibus leva-nos, quarenta escritores de vários países, para visitar a cidade. Chove muito, mas mesmo assim Leningrado é bela. Uma cidade que vai mostrando, falando, falando e nossa interpretação, agora uma moça chamada Irène, estudante de literatura francesa, conhecendo profundamente não apenas a língua, mas a França, sua história política, social e econômica, sem nunca ter saído da URSS, vai traduzindo para o grupo francês. (Estou mandando agora, aqui, um abraço fraternal para Irène, Airina, tão delicada fisicamente, mas tão forte culturalmente).

Vamos ouvindo: um milhão e meio de habitantes. Bem que os vejo, casacos pesados, sapatos, sob aquela chuva pesada, com aquele frio de matar. Que coragem a dessa gente que, com essa chuva e esse frio, olha, examina, folheia livros colocados nas calçadas, protegidos por enormes toldos.

No Museu de L'Ermitage, nosso encantamento não tem limites; lá estão os mestres internacionais da pintura, cultura e arte do antigo Egito, da Babilônia, Assíria, etc. Arte através de vários séculos, até nossos dias.

No Palácio de Inverno de Pedro o Grande há orgia de luxo e de fontes: com maravilhosas, jorrando água. O Palácio foi destruído pelos alemães mas já está reconstruído. «Naquela dia, com tanta chuva, havia um mundo de etílicas bem nutridas, bonitas, coradas, nos jardins do palácio».

Quando foi travada a maior batalha com os alemães, hoje segue-se um enorme parque, enorme e belo com um estádio para esportes, de cem mil lugares.

Visitamos a Fortaleza de Pedro e Paulo, o antigo presídio político. Ali os lares torturavam os inimigos do regime de escravidão e opressão. É tenebroso como todos os presídios. Num momento em que entrávamos na cela número 60, onde esteve preso Gorki, um camarada grego seguiu meu braço dizendo: — Isto, na Grécia de hoje é um Hotel de 4ª classe. Nossos presídios são monstruosos.

Pensei: — Se eles vissem as mamarras do Brasil!

O TETO

Infelizmente O Teto não vem alcançando o sucesso de público que seria legítimo esperar. Lançado há meses no cinema Coral (São Paulo) passou discretamente sob o olhar dos críticos da Paulicéia que não lhe deram a devida atenção. Agora, no Rio, o cinema de arte vem apresentando a fita no minúsculo Alvorada atendendo somente ao público da zona sul. Por isto, recomendamos a todos entusiasmadamente que vejam O Teto, não deixando que passe em branco, neste filme humano, genético, feito com o coração e o carinho desta dupla genial formada por Vittorio De Sica e Cesare Zavattini.

A PROPÓSITO DA SUPRESSÃO DOS «PADRES-OPERÁRIOS»

A Igreja e a Classe Operária



Roger CARAUDY

COEXISTÊNCIA PACÍFICA (II)

O Papa acaba de abolir a experiência dos «padres-operários».

Esta decisão lança viva voz sobre a política da Igreja em relação à classe operária.

«A Santa Sé — afirma o decreto — julga que o trabalho em fábricas ou em obras é incompatível com a vida e os deveres sacerdotais».

As razões aduzidas são significativas: «O trabalho na fábrica ou mesmo em empresas menos importantes expõe pouco a pouco o sacerdote à influência do meio. O padre no trabalho não está apenas mergulhado em ambiente materialista...»

Assim é que o cardeal Pizzardo — escrevendo em nome do Santo Ofício e com a aprovação do Papa — revela, sem ambiguidade, as razões de classe desta medida.

vas, o episcopado francês transmitia aos padres-operários a ordem de se concentrarem nas pequenas empresas artesanais, — onde o espírito de classe é mais débil do que nas grandes fábricas — e os proibia de militar nos sindicatos.

Após o fracasso desta primeira experiência, o porta-voz do episcopado francês, Monvenher Chappouille, lembrou, a 16 de novembro de 1953, a orientação de classe, fundamentalmente anticomunista, da política da Igreja em relação à classe operária.

UMA TENTATIVA DE REEDIÇÃO

A chegada da general de Gaulle ao poder pareceu, aos dirigentes da Igreja na França, o momento favorável para apoiar ativamente os projetos de «associação capital-trabalho» e a política de «colaboração de classe» que inspira os decretos de janeiro de 1959.

Segundo esse ponto-de-vista, uma experiência da experiência dos «padres-operários» era susceptível de honrar a missão apostólica urgente. A 10 de junho o cardeal Feltin, acompanhando o cônego Bonnet, responsável pela Missão Operária, partiu para Roma com o propósito de renovar a experiência dos padres-operários, tomando algumas precauções para evitar o «contágio»: ligação estreita com as paróquias, vida em comunidade, e controle mais severo exercido pelos bispos.

JOÃO XXIII é «LIBERAL»?

Apesar das «ilusões» (a expressão consta do editorial de A Cruz de 19 de setembro de 1959) que certos católicos de esquerda alimentam na França em relação ao novo papa, a política de João XXIII não tem, de forma alguma, sentido liberal. O novo papa se limita, muito simplesmente, a continuar uma evolução começada há vários anos pela Igreja em seus esforços para se adaptar às situações novas que tem a enfrentar.

João XXIII é o prelado que, logo em seguida à libertação da França, veio restabelecer a situação do episcopado francês, tomada muito difícil por uma longa colaboração com o regime de Vichy.

Os primeiros atos de seu pontificado mostram que não se trata, de forma alguma, de imprimir à Igreja uma orientação mais liberal. Já a 14 de abril de 1959 o Osservatore Romano publicava um comunicado da congregação do Santo Ofício agravando as decisões tomadas por Pio XII a respeito dos comunistas.

Pio XII decretara, em 1949, que não se pode ser comunista e católico; João XXIII entende esta condenação não apenas aos que ingressam em uma organização comunista como também aos que votam em aliados próximos ou distantes dos comunistas.

A DESIGUALDADE, DIREITO DIVINO

A primeira encíclica de João XXIII lembra, sob forma mal renovada, os dois princípios básicos que regulam toda a doutrina social e política da Igreja: «O sistema capitalista não é intrinsecamente mau» (Encíclica Quadragésimo Anos, 1931); «o comunismo é essencial-

mente perverso» (Encíclica Divini Redemptoris, 1957). Lembra que «quem ousa negar a diversidade das classes contradiz a própria ordem da natureza». Isto é, recorda, uma vez mais, que a desigualdade é de direito divino, e oferece, como modelo inspirado pela doutrina social e política da Igreja, o regime do chanceler Adenauer na Alemanha de Bonn.

Esta orientação da Igreja temana tem, na França, condições particularmente favoráveis de aplicação após o advento de de Gaulle e do poder pessoal.

Trata-se também, no âmbito social, da luta contra a classe operária. No entanto, para atingir seus objetivos, os chefes da Igreja se esforçam por não combater diretamente as aspirações dos trabalhadores. Por exemplo, quando na França as relações de horário, as densidades e os fechamentos de fábricas se multiplicam, os prelados franceses, quer se trate do cardeal Richard, arcebispo de Bordéus, ou do Monseñor Lefebvre, bispo de Verdon, não hesitam em protestar contra as novas dificuldades impostas aos trabalhadores, mas não propõem como solução senão as medidas já previstas no programa de de Gaulle, relativo aos investimentos em relação aos países subdesenvolvidos.

UMA DUPLA PREOCUPAÇÃO

O atual decreto do Santo Ofício preconiza, no mesmo espírito, a criação de um ou de vários institutos seculares compostos de sacerdotes e de leigos, mas com o objetivo apenas de trabalhar em fábricas. Essa doutrina reafirma, aqui, os temas da Ação Católica Operária, que já organizou, principalmente em Lyon, equipes desse gênero, privando-as, porém, de seu instrumento avançado: o padre no trabalho.

A Ação Católica Operária, criada há nove anos e contando atualmente mais de 20 mil membros, visa, com efeito, a esse objetivo. Por ocasião de seu congresso nacional de 18 de maio de 1959, as preocupações da Igreja se traduziram nas resoluções finais. A moção aprovada pelo conselho denunciava «a sensível redução do poder aquisitivo dos trabalhadores em consequência da recessão econômica e do entorpecimento das responsabilidades do cidadão, o que contribui para deprimir os valores de uma autêntica democracia e a degradação das consciências em virtude da guerra na Argélia, do uso de meios inócuos e do racismo». A mo-

no tempo, porém, não se altera. Guerry, presidente da Comissão Episcopal do Mundo Operário, resalta em seu discurso de encerramento: «Devemos ter em mente, em nossa vida cotidiana, que o objetivo do comunismo é destruir a religião». Nada caracteriza tanto a política da hierarquia católica: proclamar palavras de ordem que correspondem às aspirações dos trabalhadores, a fim de canalizar seu descontentamento, mas, ao mesmo tempo, evitar a unidade operária, o único meio que poderia realizar suas aspirações.

AJUDAR OS TRABALHADORES CRISTÃOS

A tática para lutar contra essa política decorre da própria situação: tentando adaptar-se aos progressos do movimento operário na França e aos progressos do movimento nacional nos territórios de além-mar, a Igreja se entrega a uma demagogia sistemática em âmbito nacional, a fim de canalizar o movimento de massa. E, ao mesmo tempo, obrigada a frear esse movimento para atingir seus objetivos fundamentais.

As massas que a Igreja pretende controlar levam a sério as lutas sociais ou nacionais que, para a Igreja, não passam de um meio. Nesse objetivo é ajudar os trabalhadores cristãos a realizarem plenamente sua vontade de luta, a fim de que, por sua própria experiência, tomem consciência da contradição entre suas necessidades e aspirações e os limites que a Igreja lhes impõe.

O conflito permanente entre as forças da Igreja oficial e do clericalismo e as forças da reação e do traído fere os católicos democratas e patriotas.

Em face da ofensiva eleitoral contra a escola laica, realizou-se na França não só a unidade entre as forças laicas como também o agrupamento, para a luta social, de um grande número de católicos, ao lado de democratas de todas as tendências.

Tomos aí a promessa e a garantia de uma ação unificada e vitoriosa de todas as forças democráticas francesas contra os novos atentados do obscurantismo clerical e da reação. Nessa luta triunfarão as melhores tradições da França e de seu povo, as forças da República e da Pátria, as forças do progresso contra as tentativas retrogradadas da direita, cuja política é invariavelmente apoiada pela hierarquia católica.

O fato histórico da existência de dois sistemas mundiais — o capitalista e o socialista — torna inevitável a competição entre eles. O princípio da coexistência pacífica pressupõe que essa competição se realize sem o recurso às armas, à guerra, mas através da emulação pacífica que, sem levar à renúncia do modo de vida e da ideologia de cada Estado, permita os contactos, as negociações e os entendimentos entre eles.

Há aqui, portanto, dois aspectos a ressaltar. O primeiro é que a coexistência dos Estados de diferente regime social, ao contrário do que afirmam certos ideólogos do imperialismo, não significa que se isolem esses Estados uns dos outros através de quaisquer barreiras, com o único compromisso de não se guerrearem. O segundo aspecto é que, negociando e entendendo-se, os Estados de diferente regime não renunciam à sua própria ideologia.

A doutrina da coexistência não exige que a União Soviética deixe de ser um país socialista que marcha para a edificação da sociedade comunista, assim como não exige que, para afastar-se a ameaça da guerra, os Estados Unidos decidam substituir o seu regime social. A existência dos dois regimes é uma realidade histórica concreta, e só na medida em que eles existam, em sua diversidade, pode-se conceber a coexistência.

O princípio pelo qual lutam as nações e os povos amantes da paz estabelece que a disputa entre os dois sistemas se desenvolva não por meio das armas, mas da emulação pacífica. Na medida em que se desenrole essa emulação — sem que haja interferência em seus Estados nos problemas internos de outros — os povos de todo o mundo poderão convencer-se, à base de sua própria experiência, sobre qual o melhor regime, qual o que assegura à humanidade maiores possibilidades de progresso material e espiritual, melhores condições de vida às grandes massas, a felicidade para todos. Se os capitalistas não estão de acordo com o socialismo, que demonstrem, através da emulação pacífica, em que o sistema capitalista é melhor e mais eficaz.

Ainda recentemente, o vice-presidente dos E. E. U. U., Richard Nixon, punha em dúvida a sinceridade dos governantes soviéticos, sob a alegação de que não podiam conciliar-se a tese da coexistência pacífica e a afirmação por eles feita de que o comunismo triunfará. Não há aí, porém, nenhuma contradição. Os dirigentes soviéticos, como os comunistas do mundo inteiro, estão convencidos de que o sistema socialista é superior ao capitalista e que o processo conduzir, inevitavelmente, ao triunfo do comunismo em todo o mundo. Mas para que esse triunfo seja alcançado e o capitalismo deixe de existir, não pensam os dirigentes do campo socialista em recorrer à agressão nem à intervenção nos assuntos internos de outros Estados. O socialismo vencerá, segundo estão certos os seus partidários, através da emulação pacífica, através da comprovação no dia-a-dia, aos olhos de todos os povos, da superioridade incontestável do modo de produção socialista e em virtude das contradições inerentes ao modo de produção capitalista.

Os comunistas estão seguros de que triunfarão as idéias do socialismo. Outros pensarão de modo diverso. Têm, naturalmente, o direito de pensar assim. Partidários do socialismo e do capitalismo podem discutir não estar de acordo uns com os outros. O importante, porém, é manter-se nos limites da luta ideológica e provar, na prática, do lado de quem está a verdade e a razão.

CONVERTIDOS... A LUTA DE CLASSES

Pois bem: nesse confronto espiritual entre a classe operária e a religião foi a classe operária que triunfou. Enviaram-lhe sacerdotes para convertê-la; ela os converteu, arrastando-os à luta de classes. O decreto do Santo Ofício o confessou. Foi, assim, brilhantemente confirmada a concepção materialista de Marx: «As condições de vida determinam a consciência», e não ao contrário.

Desde 1954 o Vaticano chegou a uma primeira conclusão em face dessa derrota. Atendendo às suas dire-

Por ocasião do congresso nacional da Ação Católica Operária, em maio de 1959, o relator, Marius Chirat, concluiu: «Os padres no trabalho, durante todo o tempo, nas grandes e pequenas empresas, atendiam a uma missão apostólica urgente». A 10 de junho o cardeal Feltin, acompanhando o cônego Bonnet, responsável pela Missão Operária, partiu para Roma com o propósito de renovar a experiência dos padres-operários, tomando algumas precauções para evitar o «contágio»: ligação estreita com as paróquias, vida em comunidade, e controle mais severo exercido pelos bispos. Foi a essa medida que o papa João XXIII

respondeu por uma recusa categórica.

mente perverso» (Encíclica Divini Redemptoris, 1957).

que o objetivo do comunismo é destruir a religião».

que se isolem esses Estados uns dos outros através de quaisquer barreiras, com o único compromisso de não se guerrearem.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO XXXIV

O proletariado inglês às vésperas da guerra mundial imperialista de 1914-1918

As trade-unions tiveram um peso considerável na formação da base social do Partido Trabalhista Inglês. Mas é preciso não esquecer que continuavam vinculadas à influência liberal e conservadora dos seus chefes aristocrata-operários, daqueles a quem Marx em seu tempo já chamava, com intelva propriedade, de «agentes da burguesia» no movimento operário da Inglaterra.

É sintomático dessa dolorosa situação o que se passa, até aos nossos dias, com o Congresso Britânico das Trade-Unions, que, desde 1868, se realiza religiosamente todos os anos, na primeira segunda-feira de setembro, a ordem dos trabalhos do Congresso continuou até hoje a mesma que há quase um século atrás: o Congresso dura os mesmos cinco dias que durou o primeiro, cada delegado tem os mesmos cinco minutos para falar, é sempre um padre que faz o discurso inaugural, as resoluções — que chegam por vezes a centenas — continuam não sendo obrigatórias para os sindicatos... Durante mais de meio século o Congresso não elegeu um órgão dirigente central permanente. Só a partir de 1921 foi criado o Conselho Geral do Congresso das Trade-Unions Britânicas, encabeçado por um secretário-geral vitalício.

Não foi assim difícil aos oportunistas rematados tipo Ramsay Mac Donald, que logo se atarracharam na direção do Partido Trabalhista, colocar sob sua influência política as trade-unions. A estrutura do Partido Trabalhista serve hábilmente a esse fim, e não se pode deixar de reconhecer, aliás, que é bastante curiosa. O partido organizou-se à base da adesão de membros coletivos — fundamentalmente os sindicatos, mas também as cooperativas e outras entidades, inclusive partidos, como vimos. Bastava que a Conferência ou a Diretoria de um sindicato decidisse aderir ao partido para que automaticamente todos os membros do sindicato se tornassem também membros do partido, mesmo os que formalmente pertenciam ao Partido Liberal ou ao Conservador... Os únicos deveres do membro do Partido Trabalhista são pagar a sua contribuição e votar para o parlamento nos candidatos partidários. Quanto ao sindicato, embora aderente coletivo do partido, não discute os problemas políticos deste, continua na velha política, já nos conhecida, de «nada de política». Outra particularidade «democrática» é que os delegados do sindicato aos Congressos anuais do Partido não são eleitos pela massa de associados, ma-

simplesmente designados pela Diretoria sindical. O Comité Executivo do Partido é constituído conjuntamente do Conselho Geral do Congresso das Trade-Unions e do Comité Executivo do Partido Cooperativo, chamado Conselho Nacional do Trabalho. Mas a direção real do Partido não são nem o Congresso nem o Comité Executivo e sim a fração parlamentar, da qual fazem parte, é claro, os chefes mais destacados do partido, sendo de notar que, entre estes, o principal não é também o secretário-geral do partido, mas o presidente da fração parlamentar...

Operário por sua composição social, o Partido Trabalhista, como dele disse Lênin, é dirigido por líderes tão reacionários que pode ser legitimamente chamado um partido burguês (exemplo típico de seus chefes, por exemplo, é o conhecido Major Attlee, que até 1955 esteve à frente do partido. Nunca teve nada que ver com a classe operária e suas lutas. Filho de família pequeno-burguesa, começou a

fazer carreira como jurista e escritor. Foi oficial do exército inglês na guerra de 1914-1918. Terminada esta, ingressou no Partido... Conservador. Tendo fracassado, aderiu ao Partido Trabalhista, onde foi de vento em popa... O atual líder do partido e presidente de sua fração parlamentar nos Comuns, Gaitskell, também apresenta dados bem sugestivos em sua biografia. Tem o curso do New College em Oxford, o que não é para qualquer um... Foi professor de economia da Imperial Universidade de Londres... De 1940 a 1942 foi secretário pessoal do Ministro da Guerra Económica... etc. etc.)

De 1900 a 1914, em ligação com a marcha do imperialismo inglês para a guerra, aumentam os impostos no país, encarecem os gêneros e objetos de primeira necessidade, os salários reais dos trabalhadores vão sendo mais e mais reduzidos. O movimento operário inglês entra assim em uma nova ascensão, sob a forma de potente surto grevista. As

maram de «pensões para detidos»... Organizou um sistema de arbitragem complicado e manoso para dirimir as questões entre patrões e operários. As idéias socialistas, entretanto, expandiram-se no proletariado. Em 1911, em Manchester, fundou-se o Partido Socialista Britânico, que passou a fazer propaganda e agitação de conteúdo marxista. Era, segundo Lênin, um partido «não oportunista, efetivamente independente dos liberais». Pouco numeroso e desligado das massas, entretanto, apresentava certo caráter sectário. Dêle fazia parte o nosso já conhecido dogmático Hyndmann, que, com toda a sua crônica seclarismo, foi o cabeça da ala abertamente social-chovinista, patriótica, que se formou no partido durante a guerra de 1914-18. Em 1916, o partido viu-se e Hyndmann, em minoria, saiu do seu grupo. A direção ficou com a maioria internacionalista, que tinha a frente Inkpln.

O histórico drama do movimento operário inglês continuava. A luta entre as duas tendências, a revolucionária e a oportunista, prosseguia, mas era esta quem se mantinha solidamente instalada nas fileiras do proletariado da potente Inglaterra imperialista. Engels já não vivia nessa época. Valçerra a 5 de agosto de 1895, às dez e meia da noite. A seu pedido, os restos mortais do grande dirigente proletário foram lançados ao largo, no mar, na sua muito amada praia de Easthorn, onde passava as férias de verão. Mas na longínqua Rússia, um novo gênio da revolução proletária, Lênin, tomava nas mãos a seriedade e dedicação com que Marx Engels sempre encararam os complexos problemas do movimento operário inglês. Em 1908, em seu notável artigo «Material inflamável na política mundial», Lênin escrevia: «Observa-se um agrupamento da luta do proletariado contra a burguesia em todos os países capitalistas avançados, sendo que a diferença das condições históricas, dos regimes políticos e das formas do movimento operário condiciona a manifestação diversa de uma e mesma tendência. Na América e na Inglaterra, dadas a plena liberdade política, a ausência de qualquer ou, pelo menos, algo viva tradição socialista e revolucionária no proletariado, esse agrupamento se faz sentir na vigorização do movimento contra os trusts, no crescimento extraordinário do socialismo e da atenção que lhe põem as classes pudentes, na passagem das organizações operárias, por vezes puramente económicas, à luta política proletária — independente e planificada».

Pernambuco: Governo e Oposição Unidos Contra a Tramways

Pela primeira vez, desde que o sr. Cid Sampaio empossou-se a frente do Executivo de Pernambuco, uniram-se as forças do governo e da oposição. Que fato tornou possível essa convergência, que muitos, há seis meses, considerariam um milagre político? O desejo popular — que se reflete nesta posição dos políticos — de ver o Estado livre dos serviços da Tramways. Durante os quarenta e seis anos de sua existência naquele Estado, o truste norte-americano fez com que se acumulasse uma tal massa de descontentamento que hoje a sua saída de Pernambuco é uma aspiração unânime.

Representantes de Todos os Partidos na Assembléa Legislativa Telegramam ao Ministro da Agricultura Pedindo Urgência Para o Tombamento Contábil da Filial do Truste Americano — Já em 1913 Eugênio Gudin era Diretor da Empresa lanqui...

Reportagem de HIRAM PEREIRA

Rio Grande do Sul — é explicado pela força do movimento popular pró-encampação. Mesmo que tenham razão alguns comentaristas políticos, quando atribuem essa tomada de posição pelo PSD a uma tática para evitar que Cid Sampaio recolha sozinho as glórias da encampação, ainda assim isto só viria confirmar a força da aspiração nacionalista.

campanha foi justamente a encampação da Tramways. A vitória de Cid Sampaio, em 1958, está ligada, em grande parte, à defesa dessa aspiração legitimamente popular. Pregando nas ruas a expulsão da Tramways, Cid Sampaio estava combatendo o etelvinismo, em quem a empresa estrangeira teve um sustentáculo. Por último, o prefeito eleito do Recife, Miguel Arrais, adotou como um dos seus lemas eleitorais o seguinte: «Mandaremos embora a Tramways!»

GUDIN VEM DE LONGE

Agora, que o contrato da Tramways com o Estado vem sendo objeto de maiores atenções, revelam-se coisas interessantes. Por exemplo: quem assinou o contrato de concessão dos serviços de luz e força entre o Estado e a Tramways, em nome desta última não foi outra figura senão a do empedernido entreguista Eugênio Gudin. Diretor da Pernambuco Tramways, já em 1913 defendia Gudin os interesses do truste americano de eletricidade no Brasil. A Tramways, nos termos do mencionado contrato, eram transferidos os mesmos serviços, concedidos à firma Fielden Brothers ainda no século passado, em 1897. A concessão à Tramways foi feita explicitamente pelo prazo de 49 anos, que expira precisamente em 17 de julho de 1962. Cláusula importantíssima de tal contrato é a que estabelece a reversão dos bens. Isto é, sua entrega ao Estado, sem nenhum desembolso do poder público.



Sempre fui partidário das relações do Brasil com a URSS, declarou o governador Muniz Falcão ao representante de NOVOS RUMOS

GOVERNADOR MUNIZ FALCAO A NOVOS RUMOS: OS PATRIOTAS DEVEM ESTAR UNIDOS PARA AS ELEIÇÕES

- * Necessidade de Encampação da Filial da Bond And Share
- * Relações Com a União Soviética
- * Apoio do Governo Alagoano ao II Congresso dos Trabalhadores

Entrevista concedida a ROBERTO MORENA

O governador do Estado de Alagoas, Dr. Muniz Falcão, foi vivamente aplaudido pelos presentes à instalação do II Congresso Regional dos Trabalhadores de Alagoas, no Palácio dos Trabalhadores, no dia 12 de outubro, quando afirmou que durante sua gestão, até o último dia, as liberdades democráticas e sindicais seriam integralmente respeitadas.

Na verdade, vive-se em Alagoas num clima de democracia. Isto foi comprovado durante a realização do II Congresso, quando os trabalhadores debateram, com o governo, todas as questões constantes de seu lematário.

PLANO DE ELETRIFICAÇÃO

Confirmou assim S. Excia. as palavras pronunciadas na instalação do II Congresso. Indagamos a seguir: sendo a Força e Luz apenas a distribuidora da energia da Cia. Hidrelétrica do S. Francisco, por quanto a vende a indústria e ao povo de Alagoas?

Informa-nos o governador Muniz Falcão: — A CHESF entrega à Força e Luz a energia bruta ao preço de oitenta centavos. Aqui em Maceió a taxa é de Cr\$ 3,60.

— Temos um plano de eletrificação para todo o território alagoano que já foi submetido à consideração do CODENO. No nordeste, Alagoas e um dos poucos Estados em que dispõe de um plano organizado de eletrificação, a CODEAL (Comissão de Desenvolvimento Econômico de Alagoas) e o Departamento de Águas e Energia, trabalhando continuamente para o suprimento público e industrial em 20 municípios, inicialmente.

Muito se fala no Nordeste na OPENO. No dia 12 de outubro, exatamente, se havia realizado a reunião do CODENO. Nessa reunião o Governador fora representado pelo engenheiro Bernardo Maia Gomes, que está organizando a Cia. Elétrica de Alagoas. Qual é a opinião de S. Excia. sobre a OPENO?

— Tenho a melhor impressão da OPENO e de seus dirigentes. Alagoas não vem encontrando dificuldades na defesa de seus interesses e de suas reivindicações.

RELAÇÕES COM A URSS

A nossa palestra, por muito tempo, girou sobre vários aspectos econômicos do Estado de Alagoas e dos planos de governo. Sobre a necessidade da expansão das relações comerciais e diplomáticas do Brasil, o Governador Muniz Falcão disse sem rodeios.

Sempre fui partidário das relações do Brasil com a URSS. Aliás, este é um ponto-de-vista hoje proclamado em todo o mundo. Todos os povos devem manter relações mútuas para uma convivência pacífica. Agora mesmo Eisenhower e Khrushchov consolidaram esse ponto-de-vista.

união das forças nacionalistas para a próxima sucessão presidencial. Não houver arregimentação, poderemos correr o risco de ver o Brasil nas mãos dos oportunistas.

Uma última pergunta fizemos ao Dr. Muniz Falcão: Qual a sua opinião sobre o II Congresso Regional dos Trabalhadores de Alagoas?

— A realização do II Congresso dos Trabalhadores de Alagoas foi, realmente, de grande significação para o movimento sindicalista alagoano. Os trabalhadores, que constituem uma força admirável no regime democrático, estão oferecendo subsídios aos regimes governantes do país, pois muitas das suas reivindicações são levadas aos governos. O II Congresso Regional dos Trabalhadores de Alagoas contou por isso com o integral apoio de meu Governo. Tenho certeza de que os resultados do conclave foram plenamente satisfatórios. As reivindicações mais prementes da numerosa classe foram discutidas com interesse e alcançaram grande repercussão.

OS POVOS E A GUERRA

Atém das intervenções finais no debate sobre o papel da burguesia no movimento de libertação nacional, o n.º 7 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO, que já se acha nas bancas e livrarias, publica uma série de artigos sobre o tema "Os povos e a guerra". São abordados nesses artigos problemas como o caráter da segunda guerra mundial, a política mundial das potências ocidentais, a verdade sobre o pacto germano-soviético, etc. Um dos artigos, de autoria do cientista soviético Alexander Kuzin, fornece dados impressionantes sobre as consequências que teria para a humanidade o desencadeamento hoje de uma nova guerra.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

FAÇA DESDE JÁ A SUA ASSINATURA PARA 1960, DIRIGINDO-SE A Rua da Assembléa, 34 S. 304 — Rio

TOMBAMENTO IMEDIATO

Um telegrama da maior importância foi passado há dias ao ministro da Agricultura, sr. Ildo Meneghetti. Eis o teor do telegrama: «Representantes do PSD, UDN, PTB, PRT, PST, PR, PRP, PDC, PSB, PSP e PTN, deputados que compõem a Assembléa Legislativa deste Estado vêm solicitar a V. Excia. as mais urgentes providências no sentido de ser nomeada a comissão que levará a efeito o tombamento contábil dos bens da Pernambuco Tramways, conforme solicitação do Exmo. Sr. Governador do Estado, através do ofício 375, de setembro último. A medida agora pedida traduz os anseios de todo o povo pernambucano. Atenciosas saudações.»

O pronunciamento unânime da Assembléa Legislativa pedindo o tombamento contábil — passo preliminar para a encampação, como sucedeu no

A FORÇA DA TRAMWAYS

De outro lado, o fato de que a ideia da encampação ainda não estivesse suficientemente clara há mais tempo, revela que o truste dispõe de fortes posições. De fato, desde 1945 não houve uma só eleição em Pernambuco, estadual ou municipal, que não tivesse o problema da Tramways como um dos temas centrais. Em 1954, o slogan — «Distribuirei a energia de Paulo Afonso» — ajudou certamente o general Cordeiro de Farias, na verdade amigo da Tramways, a derrotar João Cleofas. Este último, apoiado pelas forças populares, inclusive os comunistas, talvez por isso mesmo teve medo de aperecer como... comunista e vacilou em relação ao problema.

Em 1955, Pelópidas Silveira derrotou sozinho três outros candidatos à Prefeitura do Recife e uma das bandeiras mais populares de sua

DIAS CONTADOS

Desse modo, os fatos indicam que a Pernambuco Tramways está com os seus dias contados. Em 1962, quando expira o seu contrato, e a partir de agora, o truste que tanto sugou a economia do Leão do Norte terá pela frente o Executivo e o Legislativo estaduais, como também os poderes municipais da Capital, de Olinda e Jaboatão, municípios igualmente atingidos pelos fios da Tramways. O apoio crescente da opi-

Trabalhadores Paulistas Fortalecem Sua Unidade

Nova Organização Para Coordenar Estadualmente a Atividade Sindical

S. PAULO (Da Sucursal) — Acaba de ser criado nesta capital o Conselho Sindical dos Trabalhadores. Essa entidade objetiva a coordenação sindical, no âmbito estadual, de entidades sindicais de 1.º e 2.º graus; a promoção e orientação de movimentos sindicais; a realização de campanhas educativas sobre o sindicalismo, legislação social, etc.; a constituição e manutenção de serviços técnicos para o assessoramento das campanhas e movimentos levados a efeito pelas entidades sindicais.

A estruturação da CST constitui uma nova etapa na luta pela unidade dos trabalhadores paulistas. Inúmeras manifestações favoráveis a uma política de unidade vinham sendo patenteadas através de várias organizações como o Pacto de Unidade Intersindical de São Paulo, o do ABC, o de Sorocaba, o Fórum Sindical de Santos, e outras, através dos quais trabalhadores de diferentes categorias profissionais procuravam se unir para melhor defender as suas reivindicações. O Conselho Sindical recém-criado, por ser mais amplo, significa um importante avanço nesse sentido.

COMPOSIÇÃO DO CST

O Conselho Sindical dos Trabalhadores é composto no plenário, da Comissão executiva e da diretoria. O plenário é formado por um representante de cada entidade sindical admitida no Conselho, e se reúne trimestralmente. A Comissão executiva é composta de representantes das federações estaduais, das

federações nacionais que operam no Estado, e dos sindicatos não aglutinados em federações nacionais e estaduais.

A diretoria da nova entidade é constituída pelos dirigentes sindicais Olavo Previatti, presidente; Dante Pellicani, secretário-geral; Flávio Francisco Dezem, 1.º secretário; Lourival Portal da Silva, tesoureiro-geral; Afonso Teixeira Filho, 1.º tesoureiro; Sebastião Francisco Borges e Tevíz Garcia.

No próximo dia 8 de novembro o Conselho se reunirá em sessão plenária para discutir os seguintes assuntos: ratificação da criação da CST e filiação; Lei Orgânica da Previdência Social e Direito de Greve; abastecimento e preços; e participação de São Paulo no II Conferência Nacional de Trabalhadores.

SOCIEDADE PAULISTA DE AGRONOMIA PREPARA

SEMANA E SIMPÓSIO NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

S. PAULO (Da Sucursal) — De 19 a 24 do corrente, terá lugar nesta capital uma Semana de Reforma Agrária, promovida pela Sociedade Paulista de Agronomia. A coordenação das providências preparatórias concernentes à realização dessa iniciativa, é de responsabilidade do Centro Paulista de Debates Agronômicos, presidido pelo dr. Otávio Teixeira Mendes Sobrinho, que, em entrevista concedida à nossa reportagem, assim se manifestou sobre o conclave:

— Programamos, após os debates da Semana de Reforma Agrária, a realização de um Simpósio Nacional pela Reforma Agrária, do qual participarão as entidades congêneres, entre as quais, especialmente convidada, a Sociedade Brasileira de Agronomia. Também deverão enviar representantes a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, a Associação Comercial, centros acadêmicos, estudantes, entidades de lavradores, o clero, a Universidade de São Paulo, a Câmara dos Deputados, a Assembléa Legislativa e órgãos governamentais ligados à agricultura.

SUBSIDIO TECNICO ÀS AUTORIDADES

Os agrônomos — afirmou o dr. Otávio Teixeira Mendes Sobrinho — encontrando-se entre os grandemente interessados no problema da terra, não poderiam deixar de emitir opiniões sobre um assunto vital que vem sendo tão agitado, inclusive pelos governos, no momento em que mais de 200 projetos sobre a reforma agrária já foram apresentados na Câmara Federal.

Isso — prosseguiu — não significa que pretendamos ser donos de uma solução. Nosso objetivo é tão somente o de contribuir com as autoridades, através de nossas conclusões e recomendações, sob forma de subsídio técnico. Para sermos objetivos, levaremos também em consideração os demais aspectos, ou sejam, o jurídico, econômico, político, sociológico e religioso, utilizando-se, inclusive, de materiais elaborados em outras oportunidades.

ESTUDOS REGIONAIS

O presidente do Centro Paulista de Debates Agronômicos é de opinião que, sem se levar em conta as características do nosso solo, a sua dimensão e o seu meio físico diversificado, não é possível haver reforma agrária unitária. Para maior conhecimento das diferenças regionais é que, ao mesmo tempo em que se prepara a Semana de Reforma Agrária, são estabelecidos entendimentos com as demais entidades agronômicas do país, sugerindo a realização de reuniões com caráter objetivo.

Ressaltou ainda o dr. Otávio Teixeira Mendes Sobrinho que, partindo-se de um estudo completo da estrutura rural do país, poder-se-ia introduzir as modificações que foram necessárias, estudar uma nova forma de estrutura mais produtiva e benéfica à coletividade.

TEMARIO

Nesse sentido — prosseguiu — o temário a ser debatido tratará diretamente dos conceitos de reforma agrária e da caracterização de estruturas, devendo-se, durante a Semana, aprofundar nos estudos e debates sobre a estrutura agrária do Estado de São Paulo, examinando-a pelo seu meio ecológico, tamanho da propriedade, condições de transportes e comunicações, inquilinato e comunidade rural, valor da terra, cooperativismo, financiamento rural, industrialização e comercialização da produção rural.

Faremos, também, um estudo minucioso dos aspectos positivos e negativos da atual estrutura agrária do Estado de São Paulo, quer no campo agronômico, como no educacional e sanitário. — concluiu o dr. Mendes Sobrinho.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

ENCONTRO DE MULHERES



Em preparação ao Encontro Latino-Americano de Mulheres, a realizar-se em Santiago no próximo mês, teve lugar no dia 9 último, na sede do Sindicato dos Bancários, movimentada assembleia de mulheres cariocas, que contou com o comparecimento de numerosa assistência (foto). Na ocasião foram tomadas diversas resoluções, tendo em vista garantir a participação da mulher brasileira no encontro do Chile.

Emissões da Rádio de Moscou para o Brasil

A Rádio de Moscou transmite diariamente, em língua portuguesa, das 19,30 às 21 horas, hora do Rio de Janeiro, pelos comprimentos de onda de 19 e 25 metros.

CURITIBA:

Autorizada a Rescisão Do Contrato Da Telefônica

CURITIBA (Do Correspondente) — A Câmara Municipal aprovou e seu presidente sancionou uma lei que autoriza o Poder Executivo Municipal a rescindir o contrato existente com a Cia. Telefônica Nacional, empresa americana que explora (pessimamente) o mencionado serviço nesta capital. Após ter sido aprovada pelo

plenário da Câmara, subiu o projeto à sanção do prefeito, que, entretanto, não se manifestou, favorável ou contrariamente. Por isto, retornando à Câmara, foi sancionado pelo presidente do Legislativo, vereador José Maria de Azevedo, transformando-se em lei, que tomou o número 1.801.

SEMANA DA CRIANÇA

Mais uma Semana da Criança. As motivações para a realização de uma campanha que se repete anualmente são as mesmas: as necessidades da população infantil. Isso mostra que a caridade, além de demonstrar inoperância governamental, é uma forma muito simplista e muito cômoda de adiar os problemas sem resolvê-los, mesmo terminado o prazo de adiamento. Mas, no seu todo, tem saldos positivos: o da generosidade do povo e o da boa vontade daqueles que a realizam. A generosidade de muitos e a boa vontade de alguns, infelizmente, representam muito pouco para a realidade dolorosa em que vivem as crianças brasileiras. Embora sem particularizar o problema da infância, que faz parte do mecanismo social que ela integra, no tocante às causas, medidas de maior alcance, do que essa de reunir donativos, poderiam ser tomadas, se houvesse, efetivamente, interesse em dar novos rumos à vida da criança brasileira. O próprio Juizado de Menores se queixa da incapacidade material, até para fiscalizar os estabelecimentos chamados de assistência social, onde existem menores internados. A caridade pública poderá modificar tais condições, a que o Chefe do Gabinete do Juízo de Menores, em entrevista à imprensa, qualificou de «Pátio dos Milagres»? Se na Semana da Criança fosse exigido, do governo, mais respeito pelo menor abandonado, muitas vezes caído como um animal, preso como um delinqüente comum, confinado no SAM, a campanha não seria mais real, mais de acordo com a situação da infância, diariamente, exposta ao conhecimento público? E isso para falar, apenas, num aspecto das necessidades de essas crianças, o mais doloroso, porque mais intimamente ligado à insegurança econômica e social, à fome, à incapacidade material dos pais. Não pretendo com estes comentários criticar a Semana da Criança, dentro das finalidades previstas no decreto-lei 282/48, mas colocá-la em termos que não sejam, exclusivamente, os da caridade, em termos da defesa dos direitos da criança, especialmente daquela que o próprio aparelho do Estado encarcera e maltrata, levando ao desespero e ao crime.

ANA MONTENEGRO

Eleições Em São Paulo

VITÓRIAS POPULARES EM MUITOS MUNICÍPIOS

SÃO PAULO, 13 (Da sucursal) — Os resultados finais das eleições municipais realizadas no dia 4 do corrente indicam, antes de tudo, uma derrota da orientação política do governo federal e, nesta capital, também do governo do município. Na maioria dos municípios, o eleitorado aproveitou a possibilidade de ir às urnas para manifestar seu desagrado em relação a uma política geral do país que vem sendo causa de tremenda carestia e de dificuldades de toda ordem. As coligações formadas nos municípios, reunindo muitas vezes as forças mais heterogêneas, revelaram também o desejo de serem eleitos executivos municipais e câmaras de vereadores que fossem uma garantia de solução dos problemas com que os municípios se vêem a braços.

Conhecida como é a dependência em que se acham os municípios em relação ao governo estadual, não é difícil de se compreender a predominância das coligações com tendência governista. As enormes verbas do Plano de Ação do governo, cuja aprovação o executivo está exigindo agora da Assembleia Legislativa, colocam os municípios inteiramente à disposição do governador do Estado e da máquina por ele montada para controlar o interior.

O fato, também, de estas eleições se terem realizado fora de uma campanha política geral — como costumam ser as lutas pelo executivo estadual ou federal — contribuiu também para amortecer o choque de tendências, o que arrastaria o eleitorado para debates mais

gerais e esclarecedores. Praticamente não se realizaram grandes comícios no curso da campanha, a não ser nos municípios maiores, em que houve eleições também para a Prefeitura.

COLIGAÇÕES NACIONALISTAS E DEMOCRÁTICAS

Assim mesmo, ali onde as forças nacionalistas e democráticas se uniram, obtiveram importantes vitórias, elegendo candidatos a prefeitos e câmaras municipais. Essas coligações conseguiram, por exemplo, eleger os prefeitos de municípios tão importantes quanto Campinas, Ribeirão Preto, Taubaté, Araçatuba, Andradina, São Vicente, Limeira, Botucatu, Santo André, Marília, Mogi das Cruzes, São Bernardo, Batatais, Santo Anastácio e muitos outros.

Vereadores apoiados pelos comunistas foram eleitos, entre muitas outras, para as Câmaras de Sorocaba, Ribeirão Preto, Limeira, Rio Claro, Marília, Andradina, Araçatuba, Jundiá, Santo André, Rio Preto, Pompéia, Garça, Birigui, etc.

NA CAPITAL

Na capital, foram eleitos diversos vereadores com o apoio dos comunistas, enquanto o PTB teve sua votação aumentada, em relação às últimas eleições municipais, de cerca de 45%. O PSP foi ainda o partido mais votado, mas conseguiu eleger apenas 6 vereadores, quanto tinha 9 na legislatura anterior. Além disso, os partidos anti-democratas conseguiram êxito que bem refletem a condenação do eleitorado à política vacilante do prefeito, que abandonou praticamente a cidade, está entregando as linhas de ônibus a empresas particulares, despreocupa-se com o abastecimento, etc. Os partidos que constituem pontos de apoio mais sólidos do sr. Jânio Quadros não aumentaram praticamente seus representantes. O PTN, que tinha 4 vereadores, continua com 4. O PDC, que tinha 5, continua com 5. A UDN, que tinha 3, passa a ter 4. Em troca o PSB, que tinha 3, passa a 2.

Entre os candidatos eleitos em quase todas as legendas há grande número com tendências nacionalistas e que se apresentaram com programas progressistas.

DISPERSÃO DE VOTOS

Não se pode deixar de assinalar, entretanto, uma grande dispersão de votos. Uma campanha venenosa contra a atual Câmara Municipal — que, entretanto, conta em seu ativo posições nitidamente democráticas e o fato de ter repellido, até o último momento, o insistentíssimo assédio da Companhia Telefônica, que exigia a reforma do contrato — contribuiu bastante para a desorientação popular, que culminou com a grande votação dada a Cacareco. Pode-se afirmar que nesse sentido trabalhou a máquina de propaganda e também de organização dos grandes banqueiros, dos grandes exportadores e fazendeiros, das firmas norte-americanas, etc. Daí o enorme esforço desenvolvido por udenistas e justistas na elaboração e distribuição das cédulas de rinoceante. Afirma-se que a maior parte destas cédulas foram confeccionadas no jor-

nal «O Estado de São Paulo», enquanto é certo que elementos janistas difundiram-nas por toda parte.

PROBLEMAS EM PAUTA

Os graves problemas da capital continuam exigindo medidas e soluções. Transporte, telefones, abastecimento etc., são questões para cuja solução positiva a população de São Paulo, apoiada nos vereadores nacionalistas e democráticos, terá de unir-se.

Macaé: Frigorífico e Fábrica de Cimento

Cresce o movimento dos moradores do município pelo programa «29 de Julho»

O dia 29 de julho marcou o 146.º aniversário da fundação do município de Macaé. Aproveitando o acontecimento, um grupo de trabalhadores de várias categorias profissionais resolveu criar um movimento objetivando orga-

nizar os moradores do município para as lutas reivindicatórias. Sob a presidência do sr. Constâncio Oliveira (ferroviário), o grupo elaborou um programa de ação, batizado «29 de Julho», no qual estão

contidas as principais reivindicações da região. Entre outras, destacamos: medidas contra a carestia, distribuição da terra aos que nela trabalham, redução no preço das taxas de água, luz e força, criação do porto de mar, construção da fábrica de cimento e do frigorífico em Cabúanas, proteção das leis trabalhistas aos operários em construção civil e das firmas empreiteiras da Leopoldina, aproveitamento do plano inicial de construção da rodovia BR-5 (Rio-Bahia) a fim de que ela passe pelo quilômetro 8 (Macaé-Gilcério).

Em cumprimento das resoluções aprovadas, os promotores do movimento realizaram uma reunião, onde traçaram as medidas imediatas para tornar vitórias as reivindicações assinaladas no programa de ação.

Nesse sentido, convocaram uma grande assembleia popular a fim de discutir ponto por ponto o «29 de Julho».

Apesar do pouco tempo decorrido após a fundação do movimento, alguns êxitos começaram a coroar os esforços dos macaenses. Assim, já se encontram em fase bastante adiantada os entendimentos para a construção da fábrica de cimento e do frigorífico, problema dos mais sentidos na região.

É LICITA A IMPORTAÇÃO DE LIVROS MARXISTAS

Decide, em Sessão Plena, o Tribunal Federal de Recursos — Autoridade Que Realiza Apreensão «Desserve ao Regime», Declara o Ministro Artur Marinho — Defendida a Liberdade de Pensamento Assegurada Pela Constituição

Em recente sessão plena, o Tribunal Federal de Recursos apreciou um agravo de petição em mandado de segurança, no qual as autoridades requeridas eram o diretor-regional dos Correios e Telégrafos e o Inspetor da Alfândega do Rio. Objetivava o pleito a revogação de uma medida adotada por aquelas autoridades, que apreenderam publicações oriundas de países socialistas, sob a alegação de serem «material de propaganda comunista».

Os votos proferidos pelos ministros do TFR e os debates algumas vezes travados oferecem o mais vivo interesse.

Ao impetrar o mandado de segurança, o advogado de defesa alegou que as publicações não eram de propaganda comunista, mas, sim, con-

tinham noticiário sobre realizações dos países de democracia popular. O juiz que denegou a segurança, fê-lo partindo da afirmação de que a alegação não estava provada. Todavia, o Tribunal Federal de Recursos, ao examinar a causa, teve em vista, apenas, a preservação da liberdade de manifestação do pensamento, assegurada pela Constituição. E deu provimento ao recurso. Assim, o ministro Elmano Cruz, relator do agravo, foi taxativo: «Tais livros só chegam à mão de quem os quiser ler. Não vejo razão para se proibir a um cidadão brasileiro ler livros que defendam idéias marxistas, porque só se deixa influenciar quem quiser».

O ministro Artur Marinho, em aparte, disse que «há livros de escritores russos de grande atualidade, adquiridos oficialmente pela União Federal. Por exemplo, um livro sobre a teoria do Estado, publicado em inglês, de Vichinski. Al está na biblioteca do Tribunal e é pena que não seja lido».

DESSERVEM AO PAIS

O ministro Artur Marinho acrescentou, ainda, estas palavras, que são uma formal condenação ao ridículo «marxismo» local e uma brilhante defesa da liberdade de pensamento: «A apreensão que porventura tenha havido é por palpites de autoridade, que desmerece ao regime, pensando que a esta servindo. Só se salva a questão da boa fé. Eu mesmo tive oportunidade de trazer da Europa livro que me foi dado, como informação jurídica, pelo vice-presidente da Suprema Corte da União Soviética, em Viena, no ano passado. Só tenho pena de não poder lê-lo, porque está escrito em russo, mas terêi a honra de ofertá-lo a biblioteca do Tribunal para quem o possa ler e se informar a respeito do direito».

Os Êxitos Por Vós Alcançados Indicam-nos...

(Conclusão da 1ª pag.)

ch-x continue realizando concessões ao imperialismo e que ultimamente acentuem-se no país ameaças à liberdade sindical e ao direito de greve. Importantes conquistas parciais têm sido alcançadas pelas forças patrióticas. Além do êxito concreto que constitui a defesa do petróleo brasileiro contra as investidas dos trustes, um passo adiante foi dado recentemente com a encampação pelo governo de uma empresa de energia elétrica, subsidiária da Bond and Share — ato que representa profundo golpe no monopólio estrangeiro de energia elétrica. A ruptura das negociações entre o governo do Brasil e o Fundo Monetário Internacional foi outro acontecimento significativo que alcançou repercussão em todos os demais países da América Latina. Conquanto sejam cada vez mais sensíveis às grandes massas trabalhadoras os aspectos reacionários da política do governo, que determinam acentuado encarecimento do custo da vida, as liberdades democráticas vêm sendo defendidas com sucesso, permitem aos trabalhadores, inclusive aos comunistas, travar em geral com êxito a luta por suas reivindicações e tornar cada vez maior a pressão de massas por mudanças na política e composição do atual governo. Aumentam as condições favoráveis à ampliação da frente única patriótica e democrática e ao desenvolvimento das lutas de massas. O sentido dos acontecimentos favorece objetivamente à coesão cada vez maior de todas as forças patrióticas e democráticas. A frente da classe operária, levan-

tam os comunistas a bandeira unitária da luta por uma política externa independente, de relações do Brasil com a União Soviética, a China Popular e demais países socialistas; do desenvolvimento independente da economia nacional; da elevação do nível de vida dos trabalhadores; da reforma agrária e de ampliação e consolidação da democracia.

Camaradas: Comemoramos este 10.º aniversário da vitória de 1949 em momento decisivo da história da humanidade. As forças da paz, graças ao avanço da ciência e da técnica e ao fortalecimento crescente do sistema socialista, impõem aos provocadores de guerra a coexistência pacífica e a distensão da situação internacional. Podemos estar certos de que o povo brasileiro tudo fará para contribuir com seus esforços na luta comum em defesa da paz, em particular intensificando sua atividade contra o opressor norte-americano e em sua luta pela conquista da completa emancipação nacional do Brasil.

Recebei os votos que formulamos pelos êxitos crescentes de vossa luta.

Salve o povo chinês! Viva o Partido Comunista da China, dirigente intrépido e esclarecido do povo chinês, e seu grande e querido chefe, camarada Mao Tse Tung! Viva a aliança indestrutível do campo socialista! Viva a União Soviética, baluarte da paz e do socialismo! Viva a unidade do movimento operário e comunista mundial!

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXEDI — o poeta vaqueiro

Seu doutô Moragô Lafe: Essa carta é dum vaquêro Qui nasceu no mêi do gado E meu sertão brasileiro.

Partô carne no Brasil Faz vregonha, seu doutô, Nós samo a terra do gado... E a justo tê fartado Pra carne consumidô

Mandare lá das Istranja Quaro gigante pra cá: Uirso, Armô e Suife ! o Angro pra compretá. São três fera prutigida Pelas força federá.

Do Norte ao Sû do país Todo bizerro qui nace, O dinhêro dos gigante O terra nas duas face. O animá vai crescendo : os quato mansô cumendo O gado de tôda crasse.

Perçisa, sinhô Ministro, Qu'êsses gigante se vão Cumê carne de cavalo Lá pelas suas nação.

No Distrito Federá Num se pode mais vivê. Sem carne pra limento, Sem a água pra bebê.

«Cidade maraviosa!» Fome, sujo, porcária. Tudo gelado e carc O tubarão usuraro Esconde a mecaiduria.

Restava a carne, patrão, Essa agora s'acabô. Os gigante cumero tudo! O restinho que ficô Cobram preço tão arto Qui a pobreza dismail.

Seja humano, seu Ministo, Conserte a dificuldade. Essa gente, seu doutô, Qui li fez arturidade, Num tem carne, num tem leite, D'aqui qui a coisa s'ajeite Morre de nicidade.

Perdôe, doutô, te l'iscrito, Imprudence dum vaquêro, Sertanejo dididido, Cem pur cento brasileiro!

CONGRESSO DOS FAVELADOS

Reunião na Favela de São Carlos

No amplo salão da Escola Unidos de São Carlos — morro de São Carlos, no Estácio — realizou-se, no dia 11, mais uma reunião do Congresso dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal. Iniciando os trabalhos da sessão, o sr. João Barros Netto, secretário geral do Congresso, criticou a atitude da polícia proibindo a colocação, na subida do morro, de uma faixa alusiva à reunião.

Após o discurso de abertura feito pelo secretário geral, foi efetuada a eleição dos representantes da favela de São Carlos junto ao Congresso, todos aceitos por unanimidade. Foram eles os srs. Arcaño Cavalcanti, delegado, José Cândido da Silva, 1.º secretário, e Nicenor Alves da Silva, 2.º secretário.

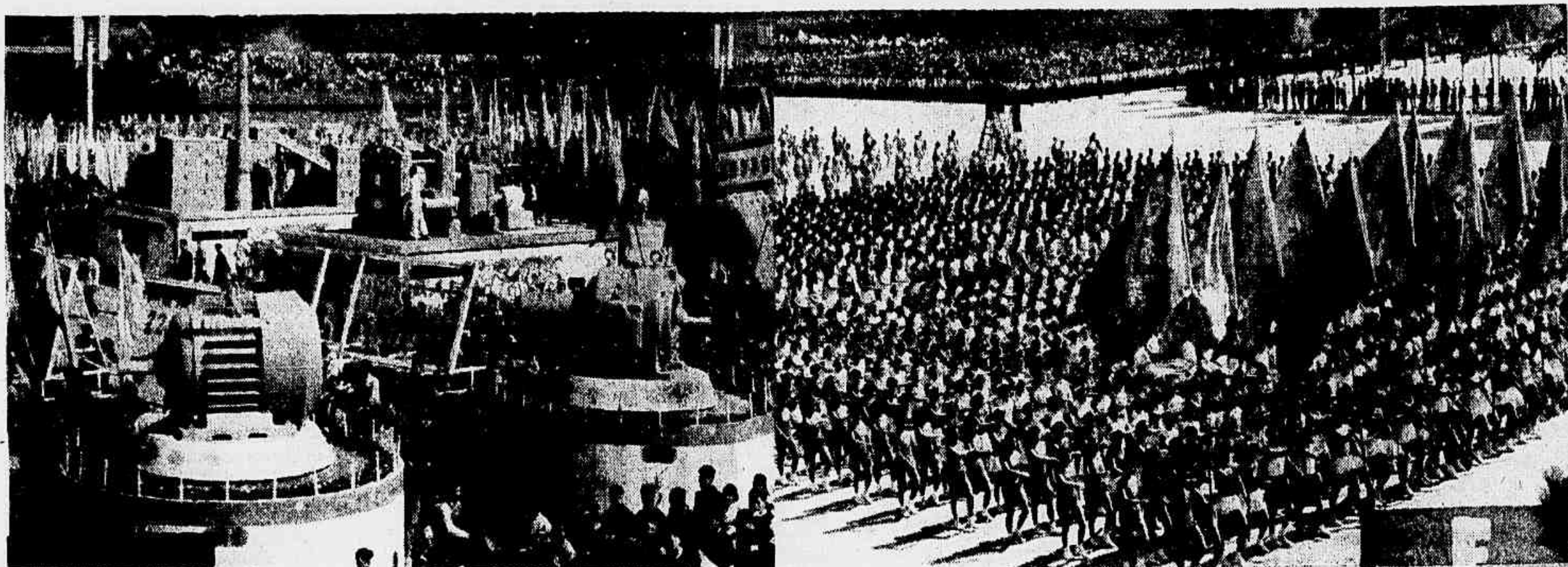
Dos vários discursos proferidos na sessão, destacaram-se o do sr. Norberto Silva, ressaltando que a luta dos favelados é reivindicatória sem caráter partidária, e o do sr. José Lucas Sobrinho, propugnando por um melhor programa de educação para a criança favelada. Compareceram à reunião os seguintes representantes de favelas filiadas ao Congresso dos Trabalhadores Favelados: Norberto Silva (Braz de Pina), Matheus Alves e Plo Domingos da Cruz (Barreira do Vasco), José Lucas Sobrinho (Telégrafos), Antônio Navega (Honório Gurgel), José Bento da Silva e Manuel Gomes (Borel), José Miranda Duarte (Juramento) e Clécero Rodrigues Vieira (Cabritos).

Homenageado João Cândido

Sem outros títulos além da glória de ter pôto fim ao regime da chibata na Marinha, o famoso João Cândido foi recebido no plenário da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde os deputados gaúchos lhe prestaram carinhosas homenagens.

Através da aprovação de um projeto do sr. Carlos Santos, João Cândido passará a receber uma pensão vitalícia de Cr\$ 8.000,00 mensais. Numa deferência toda especial que muito comoveu o homenageado, a Assembleia Legislativa riograndense cedeu um de seus automóveis para que ele pudesse pisar novamente o solo de Rio Pardo, cidade em que nasceu.

Cumpra salientar que, a partir de 1947, esta foi a primeira vez que aquela Assembleia acolheu no plenário alguém que não fosse parlamentar, diplomata ou expoente da cultura.



As comemorações do 10.º aniversário da fundação da República Popular da China foram uma grandiosa festa não só dos 650 milhões de chineses, mas de todos os povos do mundo. Estiveram presentes na milenar Pequim cerca de 15 mil representantes de países estrangeiros. Viram eles a parada militar, o grandioso desfile popular de 500.000 pessoas pela Praça da Paz Celestial. E depois excursionaram pelo grande país, visitando

ções de Pequim e conheceram o país de Mao Tse-tung. Viram cenas como estas que reproduzimos aqui em (cima): trabalhadores do parque industrial de Pequim conduzindo modelos gigantes de novos produtos e desfile de atletas; (em baixo): deputado Domingos Velasco e senhora na Capital chinesa e jornalista Samuel Wainer (diretor de "Última Hora") e senhora, ao lado dos srs. Jenaro Medina Vera, vice-presidente

FESTIVAL DO POVO CHINÊS



fábricas, usinas, comunas agrícolas, conhecendo de perto a vida do povo chinês — no trabalho, na escola, nas lides diárias. Viram restos da velha China e os entusiasmantes começos da nova era socialista que o povo chinês constrói pleno de júbilo, com suas mãos, ontem encadeadas, hoje livres. Representantes do Brasil também estiveram presentes às comemora-

da Associação de Jornalistas Chileno e Carlos Borche, secretário-geral da Associação de Jornalistas do Uruguai, quando recebidos por Mao Tse-tung; (ao centro): a "Dança do Lotus", executada por artistas chineses na Praça Tian-Min, em Pequim.

